



LSPA

INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

**A RELAÇÃO ENTRE O FUNCIONAMENTO
FAMILIAR, OS ESTILOS PARENTAIS E A
VIOLÊNCIA FILIOPARENTAL**

CATARINA ISABEL NEVES DOS SANTOS

Orientador de Dissertação:

PROFESSORA DOUTORA MARIA GOUVEIA-PEREIRA

Professor de Seminário de Dissertação:

PROFESSORA DOUTORA MARIA GOUVEIA-PEREIRA

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

MESTRE EM PSICOLOGIA

Especialidade em Psicologia Clínica

2019

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação de Professora Doutora Maria Gouveia-Pereira, apresentada no ISPA – Instituto Universitário para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica.

Agradecimentos

Confesso que esta foi a etapa mais trabalhosa, mas mais gratificante de todo o meu percurso académico, sendo a sua conclusão apenas possível devido ao apoio e à disponibilidade de diversas pessoas, as quais não poderia deixar de agradecer.

Em primeiro lugar um obrigado muito especial ao meu namorado Ruben Postiço por todo o esforço que fez para que eu conseguisse completar o meu curso e formação, assim como por toda a paciência e conversas de incentivo ao longo deste tempo e especialmente nesta fase final, sendo o meu principal âmparo.

Agradeço igualmente de forma muito especial aos meus pais, Isabel e Joaquim Santos, por me proporcionarem a oportunidade de prosseguir a minha formação académica e por terem permitido que fosse possível chegar onde cheguei, apoiando-me sempre nos mais variados momentos, transmitindo-me imensa confiança e motivação e ensinando-me que desistir não era opção.

Gostaria de deixar um obrigado também ao meu irmão Fernando Santos por toda paciência e por me animar com as suas parvoíces nos momentos difíceis e aos meus avós paternos, Joaquina e Jerónimo, que nunca deixaram de me incetivar a continuar.

À minha avó materna, Luisa Mendes, que infelizmente já partiu, mas que foi muito importante na minha vida e que teve um grande impacto na pessoa que eu sou hoje, nunca a irei esquecer e agradeço imenso todo o afeto e carinho que me ofereceu ao longo do meu desenvolvimento.

Por último, mas não menos importante, agradeço ao Instituto Universitário de Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida (ISPA-IU) que tão bem me receberam e me acolheram para finalizar a minha formação académica, bem como a minha orientadora de dissertação, a Professora Doutora Maria Gouveia Pereira pela sua orientação, partilha, e disponibilidade.

No final de contas deixo um obrigado a todos aqueles que de alguma forma estiverem presente ao longo do meu percurso académico e pessoal! E agradeço imenso pela oportunidade de ter esta experiência repleta de desafios! **OBRIGADO!**

Catarina Santos

Resumo

A violência filio-parental permanece em segredo na maioria das famílias, existindo, ainda assim, relatos de prevalências preocupantes. Logo, torna-se importante compreender a relação entre este fenómeno e variáveis familiares, nomeadamente, o funcionamento familiar e os estilos parentais, colmatando a falha existente na literatura.

Posto isto, tentou-se perceber: (a) de que forma o género do agressor e o facto de terem sofrido alguma forma de vitimização (direta ou indireta) em casa se relaciona com a probabilidade de ocorrência de comportamentos agressivos contra os progenitores; e (b) como é que o funcionamento familiar e os estilos parentais podem aumentar a probabilidade de violência filio-parental (física e psicológica). A amostra é composta por 145 adolescentes, 91 raparigas e 54 rapazes, de uma escola pública de Alverca, com idades entre os 15 e os 19 anos, assim como, 128 encarregados de educação, 79 mães e 49 pais, com idades entre os 34 e os 63 anos.

Aos adolescentes foi pedido que respondem-se à Escala de Coesão e Flexibilidade Familiar (FACES-IV) (Olson, 2011) e ao Questionário de Agressão Parental (CPAQ) (Calvete et al., 2013), enquanto que os pais responderam ao FACES-IV e ao Questionário de Estilos e Dimensões Parentais (PSDQ) (Miguel, Valentim & Carugati, 2013). A análise dos resultados demonstrou a influência da vitimização direta e de estilos parentais autoritários e permissivos no aumento da probabilidade de ocorrência de violência filio-parental, verificando-se igualmente que sistemas familiares caóticos e rígidos juntamente com os estilos parentais referidos podem influenciar também os níveis de comportamentos violentos desta natureza.

Palavras-chave: Adolescência, Violência Filio-parental, Funcionamento Familiar, Estilos Parentais.

Abstract

Child-to-parents violence continues to remain in secret in most of the families, but there are still reports of worrying prevalences. Therefore, it is important to study this phenomenon and understand its relationship with family variables, namely, family functioning and parenting styles, bridging the gap in the literature.

In this study, we tried to understand: (a) how the gender of the perpetrator and the fact that these young people suffered some form of victimization (direct or indirect) at home is related to the likelihood of aggressive behaviors towards the parents; and (b) how family functioning and parenting styles can increase the likelihood of child-to-parents violence (physical and psychological). The sample consists in 145 adolescents, 91 females and 54 males, from a public school in Alverca, aged 15 to 19 years, as well as 128 caregivers, specifically 79 mothers and 49 fathers, aged 34 to 63 years.

Adolescents were asked to respond to the Family Adaptability and Cohesion Evaluation Scale (FACES-IV) (Olson, 2011) and to the Child-to-Parent Aggression Questionnaire (CPAQ) (Calvete et al., 2013), while parents responded to FACES-IV and to the Parenting Styles and Dimensions Questionnaire (PSDQ) (Miguel, Valentim & Carugati, 2013). The analysis of the results demonstrated the influence of direct victimization and authoritarian and permissive parenting styles in increasing the likelihood of parent aggression, and also found that chaotic and rigid family systems with authoritarian and permissive parenting styles can also influence levels of filio-parental violence.

Keywords: Adolescence, Child-to-Parents Violence, Family Functioning, Parenting Styles.

Índice

Introdução.....	1
1. A Família e a Estrutura Familiar	2
1.1. Desenvolvimento Familiar.....	4
1.1.1. A Família com Filhos Adolescentes.....	6
1.2. Funcionamento Familiar	7
2. Estilos Parentais.....	9
3. A Violência no Sistema Familiar.....	11
3.1. A Violência Filioparental.....	12
3.1.1 A Bidirecionalidade da Violência Filioparental.....	15
3.1.2. A Violência Filioparental e a Família	17
3.1.3. A Violência Filioparental e os Estilos Parentais	18
4. Objetivos e Hipóteses de estudo.....	19
Método.....	23
1. Participantes	23
2. Instrumentos	26
2.1. Escala de Avaliação da Flexibilidade e Coesão Familiar (FACES-IV)	26
2.2. Questionário de Agressão Parental (CPAQ).....	28
2.3. Questionário de Estilos e Dimensões Parentais (PSDQ)	29
3. Procedimento	31
Resultados.....	33
1. A Violência Filioparental	33
1.1. A Violência Filioparental e os Estilos Parentais.....	34
1.2. A Violência Filioparental e o Funcionamento Familiar	35
2. Violência Filioparental, Estilos Parentais e Funcionamento Familiar	36
Discussão.....	38
1. Violência Filioparental, Sexo dos Jovens Agressores e Vivência de Violência no Seio Familiar.....	38

2. Violência Filioparental e os Estilos Parentais	40
3. Violência Filioparental e Funcionamento Familiar Desequilibrado.....	41
4. Violência Filioparental, Estilos Parentais e Funcionamento Familiar Desequilibrado	43
4. Considerações Finais, Limitações e Propostas para Estudos Futuros	44
Referências Bibliográficas.....	46
Anexos.....	53

Índice de Tabelas

Tabela 1 – Nacionalidade Adolescentes, Mães e Pais.....	23
Tabela 2 – Ano de Escolaridade frequentado pelos Adolescentes com Reprovações.....	24
Tabela 3 – Distribuições de Frequências das respostas dos Adolescentes à questão “Com quem vives?”.....	24
Tabela 4 – Vivências dos Adolescentes relativamente à Separação dos Pais.....	25
Tabela 5 – Testemunhos de Violência em casa (Adolescentes, Mães e Pais).....	25
Tabela 6 – Vivências de Violência em casa (Adolescentes, Mães e Pais).....	25
Tabela 7 – Análise de Fidelidade das Subescalas do Instrumento FACES-IV.....	27
Tabela 8 – Análise de Fidelidade das Subescalas do Instrumento CPAQ.....	29
Tabela 9 – Análise de Fidelidade das Subescalas do Instrumento PSDQ.....	30
Tabela 10 – Diferenças na Violência Filioparental em função do Sexo do Agressor.....	33
Tabela 11 - Diferenças na Violência Filioparental em função de Testemunhar Violência em casa.....	34
Tabela 12 - Diferenças na Violência Filioparental em função de Ser Vítima de Violência em casa.....	34
Tabela 13 – Matriz Correlacional entre a Violencia Filioparental e os Estilos Parentais.....	35
Tabela 14 – Matriz Correlacional entre a Violencia Filioparental e a perceção de Funcionamento Familiar dos Adolescentes.....	36
Tabela 15 – Influência de Sistemas Familiares Caóticos e Estilos Parentais Permissivos da Mãe na Violência Filioparental (Agressões Psicológicas Mãe).....	37
Tabela 16 – Influência de Sistemas Familiares Rígidos e Estilos Parentais Autoritários da Mãe na Violência Filioparental (Agressões Físicas Pai).....	37

Introdução

O impacto da família e, nomeadamente dos pais ou figuras parentais ao longo do desenvolvimento do indivíduo é crucial principalmente enquanto somos crianças, condicionando todo o desenvolvimento cognitivo, sensorial, motor e afetivo (Teixeira & Lopes, 2005; Salvador & Weber, 2005), bem como aquilo que nos tornaremos no futuro, sendo que “o impacto das variáveis familiares sobre o desenvolvimento é um assunto que vem sendo cada vez mais investigado pela psicologia” (Teixeira & Lopes, 2005, p. 51).

A família é o primeiro meio de socialização da criança e o contexto educativo responsável pela transmissão de normas e valores, tanto sociais como morais (Aroca-Montolío, Leonhardt & Robles, 2012; Carnut & Faquim, 2014), existindo uma relação entre os valores humanos expressos pelos indivíduos e os estilos parentais aplicados durante o desenvolvimento infantil (Teixeira & Lopes, 2005).

De acordo com Carnut e Faquim (2014), a família nuclear constituída pelos pais ou cuidadores é o primeiro núcleo social da criança, sendo que a relação com os mesmos constituirá uma base referencial para todas as relações futuras (Alarcão, 2002; Salvador & Weber, 2005).

Neste sentido, o funcionamento familiar e os estilos parentais têm um papel crucial e importantíssimo no desenvolvimento saudável da criança, existindo evidências de que uma relação parental pouco positiva poderá conduzir ao envolvimento em comportamentos de risco por parte dos adolescentes (Bronte-Tinkew, Moore & Carrano, 2006) que se vêm envolvidos em atos de violência.

De um modo geral, a violência está presente nos mais diversos meios e contextos em que o indivíduo se encontra inserido e a violência exercida pelos filhos contra os seus pais (i.e., violência filioparental), de acordo com diversos autores permanece ainda, na maioria dos casos, em segredo (Agnew & Huguley, 1989; Bobic, 2004; Cottrell, 2001; Cottrell & Monk, 2004; Kennair & Mellor, 2007; Paterson, Luntz, Perlesz & Cotton, 2002; Peek, Fischer & Kidwell, 1985), tornando-se imprescindível explorar este fenómeno.

Portanto, tendo em consideração todos estes aspetos e a literatura que se apresenta de seguida, torna-se pertinente analisar o impacto do funcionamento familiar e dos estilos parentais na violência filioparental, começando, numa primeira parte, por explicitar o

conceito de família, explorando o modo como a mesma se estrutura ao longo do ciclo de vida do indivíduo e em especial com a entrada dos filhos na adolescência, e incidindo sobre conceitos como a coesão, a flexibilidade e a comunicação cruciais para compreensão do funcionamento familiar.

Posteriormente, será explorado o conceito de estilos parentais e refletir-se-á acerca da forma como a violência pode estar presente dentro do contexto familiar, focando a atenção sobre a violência filio-parental e terminando por relacionar este fenómeno com a família e os estilos parentais, procurando elaborar hipóteses de estudo por intermédio das falhas encontradas na literatura.

Numa segunda parte, serão explicitadas as características da amostra do presente trabalho e as metodologias utilizadas, elaborando-se, numa terceira parte, a análise dos resultados obtidos com o objetivo de responder às hipóteses de investigação colocadas anteriormente. Por fim, numa quarta parte, irá proceder-se à interpretação desses resultados, correlacionando-os com a literatura existente, elaborando as principais conclusões do estudo e salientando as principais limitações e os pontos fortes deste trabalho.

1. A Família e a Estrutura Familiar

Segundo Sampaio e Gameiro (1985), a família é “um sistema, um conjunto de elementos ligados por um conjunto de relações, em contínua relação com o exterior, que mantém o seu equilíbrio ao longo de um processo de desenvolvimento percorrido através de estádios de evolução diversificados”, dando corpo aquilo que realmente seremos e constituindo o primeiro sistema social do indivíduo, no qual ocorre as transmissões mais importantes para a existência humana (Aroca-Montolío et al., 2012).

Neste sentido, seguindo ainda a linha de pensamento estrutural, a família é um sistema de interação de vários componentes individuais, sendo que o trabalho com este tipo de grupo pressupõe uma visão global e ampla da família como um todo, e não apenas como a soma dos seus componentes. Cada família possui um conjunto de limites ou fronteiras que a distinguem do seu meio e que permitem a cada indivíduo do sistema familiar compreender o que esperar de si próprio e dos restantes membros. (Alarcão, 2002)

Isto é, o comportamento de cada um dos elementos do sistema familiar é indissociável do comportamento dos restantes, afetando todo o sistema na sua totalidade, tornando-se importante “analisar o comportamento individual no contexto em que o mesmo ocorre” (Alarcão, 2002, p. 44). Alarcão (2002) afirma ainda que cada sistema familiar é constituído por diversos elementos que estabelecem relações constantes entre si, criando uma determinada estrutura familiar e organizando-se em unidades sistémico-relacionais denominadas de subsistemas e que irão ser enumeradas seguidamente:

O subsistema individual composto pelo indivíduo que detém, por um lado, um determinado estatuto dentro do sistema familiar, mas, por outro lado, exerce determinadas funções e papéis noutros sistemas e subsistemas, sendo que todos estes contextos influenciam o seu desenvolvimento.

O subsistema conjugal, composto por dois elementos que devem funcionar em complementaridade e adaptação recíproca, sem perder a sua própria individualidade e criando limites ou fronteiras que protejam o casal da intrusão externa enquanto permitam, simultaneamente, a satisfação das necessidades do mesmo. Este subsistema é ainda importantíssimo para o crescimento dos filhos, atuando como modelo relacional aquando do estabelecimento de relações futuras de intimidade.

O subsistema parental, constituído, na maior parte dos casos, pelos mesmo casal do sistema supramencionado, mas exercendo agora funções executivas, nomeadamente de proteção e educação. As interações entre pais e filhos são cruciais para o desenvolvimento infantil e permitem a criação de um sentimento de pertença familiar.

Por último, o subsistema fraternal, constituído pelos irmãos e atuando como um “lugar de socialização e de experimentação de papéis face ao mundo extrafamiliar” (Alarcão, 2002, p. 56), sendo neste mesmo subsistema que as crianças desenvolvem as suas capacidades relacionais. É de realçar que, tal como verificado, os mesmos elementos do sistema familiar podem pertencer a mais do que um subsistema, desempenhando funções distintas e levando à necessidade de criação de fronteiras ou limites que protegem a diferenciação destes mesmos subsistemas.

Minuchin (1979, citado por Alarcão, 2002) distinguiu três tipos de limites: (a) os *claros*, que delimitam o espaço e as funções de cada membro e/ou subsistema e asseguram, simultaneamente, a troca de informação entre subsistemas e entre o meio intra e extrafamiliar; (b) os *difusos*, caracterizados pela permeabilidade e ameaçando a

diferenciação dos diferentes subsistemas; e (c) os *rígidos*, que, pelo contrário, dificultam toda a troca de informação e comunicações entre subsistemas e entre o meio intra e extrafamiliar. Estes limites/fronteiras organizam-se num *continuum* que vai deste da permeabilidade (polo *emaranhado*) até à rigidez (polo *desmembrado*).

As famílias *emaranhadas* seriam, deste modo, famílias fechadas sobre si mesmas que “promovem e alimentam um exagerado nível de intercâmbios e de preocupações entre os diferentes elementos, reduzindo as distâncias interpessoais e misturando as fronteiras entre gerações, subsistemas e indivíduos” (Alarcão, 2002, p. 59) e redigificam os contactos com o exterior. Neste tipo de famílias o sofrimento de um dos membros tem uma consequência imediata e maciça nos restantes, vivenciando-se dificuldades ao nível do processo de separação-individação.

Pelo contrário, as famílias *desmembradas* correspondem a famílias excessivamente rígidas a nível interno e permeáveis ou difusas a nível externo. Neste sentido, “os intercâmbios comunicacionais entre os subsistemas tornam-se difíceis e as funções de proteção da família estão diminuídas (Alarcão, 2002, p. 61), sendo que os diferentes elementos do sistema familiar funcionam de um modo individualista, não de autonomia, mas de *cut-off* emocional.

Visto isto, é de notar que não existe uma diferença clara entre famílias disfuncionais ou funcionais, sendo que todas elas se situam neste *continuum* e podem demonstrar períodos de maior *emaranhamento* ou *desmembramento* adaptados ao ciclo vital de desenvolvimento familiar.

1.1. Desenvolvimento Familiar

É certo que toda a existência humana tem um princípio, um meio e um fim, e, neste sentido, podemos afirmar que os indivíduos e as famílias co evoluem no seu processo de formação e desenvolvimento (Bateson, 1987, citado por Alarcão, 2002).

De acordo com Relvas (1996b, p. 16, citado por Alarcão, 2002), o desenvolvimento familiar e o ciclo vital da família diz respeito a “uma sequência previsível de transformações na organização familiar, em função de tarefas bem definidas”, que, maioritariamente, se reparte nas seguintes etapas: (a) formação do casal; (b) família com filhos pequenos; (c) família com filhos na escola; (d) família com filhos adolescentes; e (e) família com filhos adultos.

Tal como concretizado por Alarcão (2002), o namoro é um tempo mágico de construção de planos e sonhos, em que tentamos esquecer as divergências e organizamos a nossa vida tendo como prioridade o outro. Contudo, é apenas com o casamento que se dá origem a um novo sistema familiar e, conseqüentemente, ao subsistema conjugal que, tal como mencionado, requer o desenvolvimento de novas funções e a articulação entre a individualidade de cada cônjuge e a sua totalidade como casal, obrigando a uma diferenciação e à criação de limites que protejam este novo subsistema em desenvolvimento.

Esta primeira fase do ciclo vital da família envolve, tal como todas as posteriores, inúmeros desafios, sendo que o primeiro corresponde à construção de um modelo de vida pessoal, conjugal e familiar único e diferenciado das respetivas famílias de origens de cada um dos membros do casal, negociado e confrontado com as vivências pessoais que cada um trará consigo. É aqui que surgirá o Nós, que diz respeito ao projeto do casal, decorrente de múltiplas influências do Eu e do Tu e edificado por intermédio de um processo de partilha, negociação e complementaridade. (Alarcão, 2002)

Posteriormente à formação do casal surge então o desafio da parentalidade (família com filhos pequenos) marcado pelo nascimento do primeiro filho e pela criação de mais um subsistema, o parental. Durante a infância, o bebé é inteiramente dependente dos seus cuidadores que lhes providenciam sustento e o estimulam para o meio que o rodeia (Baumrind, 1978).

“A coexistência dos subsistemas conjugal e parental, pode ser rica, mas não é fácil. Caberá a cada díade conjugal e parental ter a criatividade suficiente para não reificar as vicissitudes com que possam confrontar-se” (Alarcão, 2002, p. 132).

O casal para além de continuar a manter as funções da primeira etapa do ciclo vital, tem ainda que “fazer crescer os filhos, socializando-os e possibilitando-lhes a construção de uma identidade própria que lhes permitirá alcançar níveis crescentes de autonomia” (Alarcão, 2002, p. 133), preparando-os para a próxima etapa de encontro com outros sistemas, nomeadamente o escolar (família com filhos na escola).

Nesta terceira fase, desenrolam-se um conjunto de alterações no sentido de uma maior abertura para o exterior e diferenciação inter-sistémica, sendo que os pais continuarão presentes para “suportar” os seus filhos e auxiliá-los nas suas dificuldades,

mas devem dar-lhes uma autonomia cada vez maior acompanhada por um conjunto de regras e limites orientadores da sua conduta e atuação (Alarcão, 2002).

A transição para a escola é uma etapa fundamental no processo de socialização da criança, sendo que os pais tornam-se muito mais do que cuidadores e começam a assumir um papel diretivo, classificando os comportamentos dos seus filhos como adequados, reforçando-os positivamente, ou inadequados, reforçando-os negativamente (Baumrind, 1978).

Posto isto, passemos então para a adolescência e exploremos um pouco as exigências de um família com filhos adolescentes, que, por último se tornarão adultos, saindo de casa dos seus pais e permitindo a reorganização do casal que deverá voltar a focar a sua atenção no Eu, no Tu e, principalmente, no Nós (Alarcão, 2002).

1.1.1. A Família com Filhos Adolescentes. A partir do momento em que surge o subsistema parental, com o nascimento do primeiro filho, as tarefas familiares organizam-se “em torno do desenvolvimento, proteção, educação e socialização dos filhos” (Beja, 2010, p. 737), sendo necessário a adaptação às especificidades de cada uma das fases/etapas anteriormente identificadas, sendo que a entrada dos filhos na adolescência traz consigo uma grande diversidade de desafios para os pais e caracteriza-se como sendo um período de grande *stress* para estes jovens (Baumrind, 1978).

A adolescência pode ser definida como um período de grande desenvolvimento e de intensas transformações, não só físicas e cognitivas, mas também sociais, sendo que o jovem pretende, nesta fase de desenvolvimento, começar a aceder ao mundo dos adultos, modificando aspetos da sua relação com os pais e os pares, e construindo, simultaneamente, a sua identidade (Alarcão, 2002). Isto é, a dependência dos pais começa pouco a pouco a ser abandonada, bem como o *status* de criança, surgindo todo um novo conjunto de normas, valores e comportamentos de referência (Baumrind, 1978), associando-se uma maior probabilidade de participação em comportamentos de risco e de desenvolvimento de problemas de ajustamento psicossocial (Marco, 2013).

Além disto, os pais assistem nesta etapa do ciclo de desenvolvimento da família a um processo de autonomização e diferenciação inter-sistémica por parte dos seus filhos, que se focam nas relação entre pares, verificando-se uma maior permeabilidade de fronteiras entre o sistema familiar e o exterior (Alarcão, 2002), num “vai-e-vem” que permite, por um lado, permanecerem próximos da família quando não têm os recursos

necessários para se organizarem sozinhos e, por outro lado, experimentarem a independência (Beja, 2010). Segundo Mota e Rocha (2012) a adolescência é o antecedente de desenvolvimento da entrada na vida adulta, em que surgem, paralelamente às figuras cuidadoras, outras figuras significativas com um papel complementar na dinâmica do nosso desenvolvimento pessoal.

É de salientar que durante a infância a distribuição do poder no sistema familiar é assimétrico, ou seja, os pais têm um total controle e poder sobre a criança, restringindo a sua autonomia e enfrentando as suas resistências e exigências. Contudo, com o início da adolescência este poder parental baseado na coerção deixa de ser desejável, passando a distribuir-se de forma mais simétrica pelo núcleo familiar. (Baumrind, 1978)

Neste sentido, a distribuição mais simétrica de poder leva à necessidade clara de definição de regras e limites coerentes e flexíveis, para que os pais não “caiam” na extrema rigidez, com o objetivo de prevenirem futuras más escolhas dos seus filhos (e.g., o alcoolismo, o consumo de drogas, o abandono escolar), ou na extrema flexibilidade, pelos medo que os seus filhos adotem comportamentos mais contestatórios e provocadores (Alarcão, 2002).

As relações entre pais e filhos devem, deste modo, ser reajustadas ao longo do tempo, pressupondo uma aprendizagem de ambas as partes, com o fim de promover o desenvolvimento saudável do jovem e manter a harmonia dentro do seio familiar, e sendo necessária toda uma capacidade de gestão de conflitos por parte destes pais que tentam alcançar um equilíbrio nesta “luta de poderes”, devendo apelar sempre à negociação e reaprendendo o significado da parentalidade nesta etapa de vida em que os seus filhos estão cada vez mais perto de se tornarem adultos (Alarcão, 2002).

1.2. Funcionamento Familiar

Ligada à estrutura familiar surge também a noção de funcionamento familiar baseado em três conceitos chave provenientes do Modelo Circumplexo dos Sistemas Conjugais e Familiares: (a) a coesão familiar; (b) a flexibilidade; e (c) a comunicação (Olson, 2011).

A coesão familiar, em primeiro lugar, diz respeito ao laço emocional que liga os diferentes elementos do sistema familiar, permitindo compreender o modo como a família balança as questões de separação/individualização *versus* união (Olson, 2011).

De acordo com Olson (2011) os níveis de coesão variam entre *desligados* (muito baixos), *um pouco ligados*, *ligados*, *muito ligados* e *emaranhados/aglutinados* (muito altos), sendo que os níveis centrais (i.e., *um pouco ligados*, *ligados* e *muito ligados*) parecem estar relacionados com um funcionamento familiar mais adequado e os níveis extremos (i.e., *desagregados* e *emaranhados/aglutinados*) são percebidos como desencadeadores de problemas no sistema familiar.

Neste sentido, por um lado, quando temos níveis de coesão muito altos (sistemas *emaranhados/aglutinados*) estamos perante uma família em que os seus elementos detém pouco autonomia e independência, mantendo-se focados no seio familiar, com poucos amigos e/ou interesses fora deste mesmo sistema. Contrariamente aos sistemas *desagregados*, em que cada indivíduo leva a sua própria vida, com pouco ou nenhum compromisso familiar, isto é, cada membro do sistema familiar está focado nas suas próprias atividades e interesses, predominando um tempo, um espaço e interesses totalmente separados e indiferenciados, bem como uma incapacidade de procura de apoio e resolução conjunta de problemas. (Olson, 2011)

Os restantes sistemas familiares (*um pouco ligados*, *ligados* e *muito ligados*) tendem a ser mais funcionais ao longo do ciclo de desenvolvimento familiar, sendo que nos primeiros (sistemas *um pouco ligados*) verifica-se um claro nível de separação e autonomia individual, apesar de serem tomadas decisões em conjunto e partilhados interesses e atividade, e nos últimos (sistemas *muito ligados*) verifica-se uma grande proximidade emocional entre os diferentes membros da família, valorizando-se o tempo partilhado, mas não esquecendo o tempo individual de cada um (Olson, 2011).

O conceito de flexibilidade relaciona-se, por sua vez, com o papel de cada um na relação e na negociação de regras e limites, permitindo compreender o modo como a família balança as questões da estabilidade *versus* mudança (Olson, 2011).

De acordo com Olson (2011) existem diversos níveis de flexibilidade que variam entre *rígido* (muito baixos), *um pouco flexível*, *flexível*, *muito flexível* e *caótico* (muito altos), sendo que, à semelhança do mencionado para a coesão familiar, os níveis centrais (i.e., *um pouco flexível*, *flexível* e *muito flexível*) parecem conduzir a um funcionamento familiar mais adaptado e os níveis extremos (i.e., *rígido* e *caótico*) são percebidos como desencadeadores de constrangimentos ao nível do desenvolvimento familiar.

De um modo geral, a flexibilidade relaciona-se com a mudança de liderança, papéis e regras dentro de uma família, sendo que todos os sistemas familiares precisam de momentos de estabilidade e mudança, em que o grande desafio é compreender qual o momento apropriado para a mudança. Por um lado, uma família que apresente um nível de flexibilidade *um pouco flexível* tende a exercer uma liderança mais autoritária com espaço para negociações, verificando-se papéis e funções estáveis com algum compartilhamento e aplicação firme de regras e, por outro lado, uma família que apresente um nível *muito flexível* apresenta uma liderança democrática com negociações constantes, papéis e regras compartilhados e passíveis de mudança. (Olson, 2011)

Nos extremos temos, desta forma, sistemas familiares com níveis de flexibilidade *rígidos*, em que todas as decisões são tomadas e impostas pelo líder com pouca ou nenhuma negociação, definindo-se regras e funções claras sem qualquer possibilidade de mudança. E os sistemas familiares com níveis *caóticos*, caracterizados pela existência de uma liderança errática, que toma decisões maioritariamente impulsivas e pouco elaboradas, e por papéis e regras pouco claras, constantemente em mudança. (Olson, 2011)

Para terminar, temos por fim a última componente fundamental para a compreensão do funcionamento familiar, ou seja, a comunicação que é como que a ferramenta utilizada no sistema familiar no sentido de melhorar os níveis de coesão e flexibilidade anteriormente explicitados (Olson, 2011). É de realçar que esta última componente engloba: (a) capacidades de escuta, focadas na empatia; (b) capacidades de diálogo, incluindo a capacidade de expressar os seus próprios pontos de vista e perspectivas; (c) capacidades de autorrevelação, envolvendo a partilha de sentimentos e (d) clareza, respeito e consideração.

2. Estilos Parentais

Desde de sempre que uma das principais responsabilidades dos pais passa pela socialização dos seus filhos que segundo Baumrind (1978, p. 239) corresponde a “um processo iniciado pelos adultos pelo qual o jovem através da educação, treinamento e imitação adquire sua cultura bem como os hábitos e valores congruentes com a adaptação a essa cultura”, sendo que este processo de socialização tem um efeito determinante naquilo que o jovem se tornará no futuro, bem como nas suas capacidades.

Ao pensarmos em família, socialização e neste caso em particular nas relações entre pais e filhos, torna-se importante debruçar-nos sobre o conceito de estilos parentais, que segundo Aroca-Montolío e colaboradores (2012, p. 234) pode ser definido como “um conjunto de diretrizes e práticas da parentalidade, cujo objetivo é a socialização e educação das crianças, em que traços de personalidade, experiências passadas e características pessoais, tanto de pais como filhos, interagem simultaneamente”, correspondendo, assim, a um conjunto de atitudes, práticas e comportamentos que os pais exercem para com os seus filhos (Miguel, Valentim & Carugati, 2009).

Baumrind (1978) definiu diversos estilos parentais, o autoritário que valoriza a obediência e é caracterizado pela utilização de medidas punitivas, restringindo a autonomia do filho e defendendo que a palavra dos pais é imperativa e não passível de diálogo ou negociação (Baumrind, 1966). Os pais autoritários tentam “moldar, controlar e avaliar o comportamento e as atitudes da criança de acordo com um padrão de conduta estabelecido” (Baumrind, 1966, p. 890), não encorajando a comunicação positiva com baixos níveis de afetividade e altas exigências (Mota & Pinheiro, 2018).

O permissivo, em que os pais aceitam e desculpam todas as ações e comportamentos dos filhos, esquecendo-se que são agentes ativos e responsáveis pelo desenvolvimento futuro da criança, envolvendo-os em amor sem regras e limites (Baumrind, 1966; Baumrind, 1978). Os pais permissivos tentam comportar-se de uma maneira não punitiva, consultando a criança a todo o momento e exigindo pouca ou nenhuma responsabilidade face os comportamentos desempenhados, sendo que a mesma tem uma total autonomia e controlo sobre as atividades e os comportamentos que desempenha, sem padrões de conduta previamente definidos (Baumrind, 1966).

E, por último, o autoritativo/participativo, em que os pais coordenam as atividades da criança de uma maneira racional, incentivando a comunicação e a negociação, valorizando-se tanto a disciplina como a autonomia (Baumrind, 1978). Ou seja, os pais autoritativo/participativos estabelecem limites e regras, mas reconhecem os interesses e as perspetivas dos seus filhos, tentando direcionar as atividades e a conduta da criança de uma maneira racional (Baumrind, 1966).

As qualidades da criança são sempre salientadas ao longo do desenvolvimento infantil, estabelecendo-se não só padrões de conduta para o presente, mas também para o futuro, sendo o estilo parental ideal para um desenvolvimento adequado (Baumrind,

1966; Mota & Pinheiro, 2018), em que se verifica uma associação a níveis mais baixos de sintomatologia psicológica, nomeadamente, ansiedade e depressão (Mota & Pinheiro, 2018). De acordo com Justo, Carvalho e Kristensen (2014), este estilo parental promove ainda o desenvolvimento da empatia, incentivando estratégias mais positivas de resolução de problemas, assim como de expressão e regulação emocional.

É de salientar, que posteriormente Maccoby e Martin (1983) reformularam o modelo de Baumrind, subdividindo o estilo parental permissivo em dois, permissivo e negligente, consoante a combinação de duas dimensões, a *responsividade* e a *exigência*, sendo que a primeira (i.e., a *responsividade*) diz respeito ao grau de aceitação dos pais face às exigências adequadas dos filhos, associando-se à presença de uma comunicação bidirecional entre pais-filhos com o objetivo de permitir a autonomia, e a segunda (i.e., a *exigência*), engloba atitudes de controlo dos comportamentos através do estabelecimento de regras e de limites.

Através da combinação destas duas dimensões Maccoby e Martin (1983) caracterizam os quatro estilos parentais por eles definidos: (a) o autoritário em que os pais são exigentes e não responsivos, uma vez que não aceitam qualquer exigência por parte dos filhos, nem permitem a sua autonomia/individualização; (b) o permissivo em que os pais são responsivos, aceitando todas as exigências, quer adequadas ou não, e pouco ou nada exigentes, esquecendo-se de aplicar regras e limites; (c) o autoritativo/participativo em que os pais são exigentes e responsivos existindo reciprocidade nas relações entre pais e filhos; e (d) o negligente em que os pais não são nem exigentes, nem responsivos, tendo dificuldades em se organizarem de modo a fornecer cuidados e apoios continuados aos seus filhos e centrando-se em si próprios (Weber, Prado, Viezzer & Brandenburg, 2004).

É de notar que neste estudo iremos considerar apenas os 3 estilos parentais definidos por Baumrind, isto é, o autoritário, o permissivo e o autoritativo/participativo.

3. A Violência no Sistema Familiar

De acordo com Sotero, Pereira e Relvas (2018) a violência diz respeito a um exercício de poder e controlo por intermédio do uso da força, quer seja força física, psicológica, económico e/ ou política. “Nos casos de violência interpessoal, a intenção subjacente ao comportamento violento, independentemente do resultado produzido, passa por submeter o outro, humilhar, controlar e amedrontar (Sotero et al., 2018, p. 90).

De um modo geral, a violência está presente nos mais diversos meios e contextos em que o indivíduo se encontra inserido e, atualmente, a problemática da violência dentro do seio familiar tem ganho cada vez mais visibilidade e atraindo a atenção do público em geral, dos serviços e das autoridades, existindo cada vez mais programas, intervenções e apoios que tentam combater esta mesma violência (Kennair & Mellor, 2007; Paterson et al., 2002).

Segundo Carter e McGoldrick (1995), as diversas formas sobre as quais a violência familiar se pode manifestar têm sido gradualmente definidas e exploradas, sendo que, em primeiro lugar temos na primeira etapa do desenvolvimento familiar (i.e., na fase de formação do casal), a violência conjugal, seguida do abuso infantil, que surge quando a família possui filhos pequenos, considerando-se uma das formas mais graves de violência intrafamiliar devido à grande vulnerabilidade e dependência das crianças pelos seus pais.

É de notar que estas formas de violência familiar podem coexistir, ou seja, poderão existir famílias em que as crianças crescem a testemunhar atos de violência física e psicológica entre os pais (violência conjugal), acabando por vezes por ser vítima dessa mesma violência (abuso infantil), o que se encontra associado a uma maior probabilidade de violência posterior por parte destes mesmos jovens, quer fora quer dentro da família, podendo refletir-se igualmente num outro tipo de violência familiar, a violência filioparental (Straus, 2001).

3.1. A Violência Filioparental

A violência filioparental ganhou apenas um maior reconhecimento posteriormente, permanecendo, na maioria dos casos, em segredo (Agnew & Huguley, 1989; Bobic, 2004; Cottrell, 2001; Cottrell & Monk, 2004; Kennair & Mellor, 2007; Paterson et al., 2002; Peek et al., 1985), tornando-se imprescindível definir e explorar este fenómeno.

É expectável e normativo existirem conflitos entre os adolescentes e os seus pais, sendo que neste período do ciclo de vida os filhos procuram a autonomia e a individualização, desafiando muitas vezes o poder, a autoridade e, nomeadamente, os seus pais. Contudo é necessário compreendermos que estes comportamentos e estas ações desafiantes para com os pais não podem transformar-se em abusos (Cottrell, 2001; Estévez & Góngora, 2009).

De acordo com Cottrell (2001) os atos de violência filiofamiliar têm como principal objetivo a aquisição de controle e poder sobre o progenitor, sendo caracterizados como atos cometidos de forma repetida com a intenção de provocar medo e dano. É de salientar que estes atos de violência podem ser (Cottrell, 2001; Cottrell & Monk, 2004): (a) físicos, incluindo ações como bater, empurrar e esbofetear, sendo a forma mais visível de abuso; (b) psicológicos, incluindo ações como criticar, rebaixar e criar medo; (c) sob a forma de abuso emocional, em que estes filhos elaboram todo um conjunto de jogos mentais e ameaças manipulativas que incluem ameaças de suicídio e auto-lesão, manipulando o estado emocional dos seus pais e controlando o funcionamento familiar; e/ou (d) sob a forma de abuso financeiro que inclui roubar ou levar coisas sem permissão e exigir bens que os seus pais não podem pagar.

Relativamente ao perfil destes agressores, Marco (2013) assinala que têm entre 10 e 18 anos, sendo que Paulson, Coombs e Landsverk (1990), bem como Cottrell (2001), situam o início destas agressões entre os 12-14 anos e identificaram este grupo etário e o grupo dos 15-17 anos como os mais propensos a ingressar em comportamentos de violência filiofamiliar. Embora estudos posteriores de Kethineni (2004) e Ibabe, Jaureguizar e Díaz (2009) indiquem, ainda, um pico em termos de comportamentos agressivos entre os 15 e 16 anos. Em Portugal, de acordo com a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV, 2015), entre 2004 e 2012, registou-se um total de 3988 pais agredidos pelos seus filhos em contexto familiar, sendo que 227 dos filhos (5.7%) tinham menos de 18 anos.

É de salientar que parte da literatura parece demonstrar que não existem diferenças significativas ao nível do sexo dos adolescentes envolvidos em atos de violência para com os seus pais (Agnew & Huguley, 1989; Cottrell, 2001; Marco, 2013; Pagani et al., 2004; Paterson et al., 2002; Ulman & Straus, 2003), existindo diversos estudos contraditórios que reportam disparidades ao nível da perpetuação de agressões psicológicas que tendem a ser características das raparigas (Calvete, Orue & González-Cabrera, 2017; Calvete, Orue & Sampedro, 2011; Ulman & Straus, 2003; Ibabe, 2015), enquanto que a violência física tendem a ser exercida maioritariamente por rapazes (Calvete, Orue & Sampedro, 2011; Cottrell & Monk, 2004; Ibabe & Jaureguizar, 2011).

Arcos, Guajardo e Moraga (2016) vêm, ainda, refutar parte destes dados, reportando níveis mais elevados tanto de agressões psicológicas como físicas contra ambos os progenitores por parte dos rapazes, comparativamente às raparigas.

Estes jovens agressores demonstram igualmente grandes dificuldades ao nível da expressão e regulação emocional, baixas competências sociais e nomeadamente empáticas, realçando-se também que as suas interações sociais são baseadas num interesse egocêntrico e tendem a desafiar, mentir e comportar-se de modo cruel para com os outros (Estévez & Góngora, 2009; García & Alberola, 2010; Ibabe et al., 2009; Pagani et al., 2004). O que significa que “os temperamentos das crianças são extremamente importantes no desenvolvimento de comportamentos agressivos” (Gallagher, 2004, p. 97) e, nomeadamente, traços como a teimosia, impulsividade, tolerância à frustração e irritabilidade (García & Alberola, 2010; Marco, 2013).

Aliás, Martínez, Lopéz e Crespo (2013) verificaram diferentes variáveis individuais preditores da violência filiofamiliar, respetivamente para com o pai e para com a mãe, demonstrando: (a) a existência de uma relação entre a violência filiofamiliar para com o pai e a impulsividade, o mal-estar psicológico e a dificuldade de identificação de emoções; e (b) a existência de uma relação entre a violência filiofamiliar para com a mãe e a impulsividade, o sentimento de solidão, a dificuldade de identificar emoções e a satisfação com a vida. (Martínez et al., 2013)

Para além de que, segundo um estudo realizado por Pagani e colaboradores (2004), estes jovens agressores apresentam um padrão infantil de comportamento agressivo, em que aqueles descritos como agressivos por professores e para com colegas durante o ensino primário apresentam um maior risco de posteriormente agredirem os seus progenitores, nomeadamente, as suas mães. Neste sentido, Ibabe e colaboradores (2009) verificaram, ainda, que os adolescentes envolvidos em comportamentos de violência filiofamiliar, bem como em outros comportamentos violentos e associados à delinquência juvenil, apresentam maiores dificuldades de adaptação escolar, de aprendizagem e mais comportamentos disruptivos dentro da sala de aula.

Em geral, os adolescentes que agredem os pais têm, também, uma maior probabilidade de ter amigos que também desempenhem comportamentos agressivos e percecionam uma baixa probabilidade de sanção pelas agressões cometidas (Agnew & Huguley, 1989).

Relativamente às vítimas, são maioritariamente mães ou outras figuras do sexo feminino (Bobic, 2002; Estévez & Góngora, 2009; Hong, Kral, Espelage & Allen-Meares, 2012; Ibabe et al., 2009), uma vez que são percecionadas como mais fracas e

menos poderosas que as figuras do sexo masculino (Kennair & Mellor, 2007) e passam mais tempo sozinhas com os seus filhos (Gallagher, 2004; García & Alberola, 2010), sendo que este tipo de violência parece ser mais frequente em famílias monoparentais, em que o pai se encontra ausente (Ibabe et al., 2009).

3.1.1 A Bidirecionalidade da Violência Filioparental. A maioria das crianças que vive dentro de um contexto familiar de violência, nomeadamente, violência conjugal, têm uma total noção do que se passa à sua volta, embora os pais possam não se aperceber disso, podendo ser também elas atingidas de diversas formas (Humphreys & Mullender, 2004): (a) apenas por ouvirem ou testemunharem essa violência contra um dos progenitores; (b) por serem também atingidos fisicamente pelo agressor; e (c) por estarem sujeitas a maiores níveis de agressividade por parte da progenitor sobrecarregado com todas as agressões conjugais constantes.

Portanto, neste sentido, a literatura tem referido que a maioria dos adolescentes que exercem este tipo de violência já terão sido vítimas de abuso ou violência parental em criança, bem como testemunhas de atos de violência conjugal entre os seus pais (Brezina, 1999; Browne & Hamilton, 1998; Gallagher, 2004; Peek et al., 1985; Rubin, 1996 citado por Bobic, 2004), sendo que a exposição à violência conjugal está, também, correlacionada com a surgimento de comportamentos agressivos em adolescentes para com os seus colegas e parceiros amorosos (McCloskey & Lichter, 2003).

De acordo com um estudo conduzido por Meredith, Abbott e Adams (1986), existe uma correlação positiva e moderada entre o uso de violência sobre a criança, o posterior uso de violência por parte da criança sobre os pais e entre estas duas e a violência conjugal, o que significa que o uso de violência física por um membro da família está relacionado com um maior uso de violência por outros membros da família.

Aliás, posteriormente Cottrell e Monk (2004), verificaram também que jovens que foram vítimas de abuso em criança tornam-se violentos para com os seus pais como forma de retribuição pela vitimização que experimentaram, surgindo como um comportamento de autoproteção e expressão de raiva reprimida, salientando-se que mesmo quando o comportamento agressivo é dirigido ao progenitor que não terá exercido o abuso na infância funciona como um meio para expressar a raiva e o ressentimento por este não ter estado lá para o proteger.

É ainda de notar que Edleson (1999), bem como Humphreys e Mullender (2004), debruçaram-se, igualmente, sobre os efeitos do testemunho de violência conjugal no desenvolvimento das crianças concluindo que este acontecimento poderá conduzir ao desenvolvimento de problemas: (a) comportamentais e emocionais; (b) e cognitivos.

De acordo com este mesmo autor, os problemas comportamentais e emocionais relacionam-se maioritariamente com a exibição de condutas mais agressivas e antissociais, demonstrando competências sociais baixas, bem como maiores níveis de ansiedade, depressão e raiva, sendo que estas crianças e adolescentes tem mais dificuldades empáticas e não conseguem facilmente compreender o modo como os outros se sentem nem colocar-se na perspetiva das pessoas com quem se relacionam (Edleson, 1999).

Além disto, se pensarmos ao nível dos problemas cognitivos, a teoria de aprendizagem social indica que as crianças que testemunham e são vítimas de violência aprendam a utilizá-la e, sobretudo, a considerá-la um meio adequado de resolução de problemas (Cottrell, 2001; Cottrell & Monk, 2004; Edleson, 1999), uma vez que estes adolescentes recorrerão posteriormente a táticas de resolução de conflitos semelhantes às dos seus pais (Browne & Hamilton, 1998; Ibabe et al., 2009).

Neste sentido, Cottrell e Monk (2004) também verificaram que o comportamento agressivo e abusivo de adolescentes do sexo masculino é influenciado pelas “modelagem de estereótipos masculinos que promovem o uso de poder e controle em relacionamentos” (p. 1081), sendo que a utilização da agressividade por parte de adolescentes do sexo feminino surge sob a forma de uma resposta paradoxal para promover a aquisição de poder através da incorporação de uma “imagem masculina”.

Gershoff (2002) verificaram ainda que a punição corporal por parte dos pais aos seus filhos está associada a diversos comportamentos indesejáveis, como a “diminuição da internalização moral, o aumento da agressividade infantil, o aumento do comportamento infantil delinvente e antissocial, a diminuição da qualidade do relacionamento entre pais e filhos e o aumento do risco de abuso do próprio filho (violência filio-parental)” (p. 544).

Aliás, um estudo posterior de Pagani e colaboradores (2004) verificou igualmente que a utilização de meios de punição agressivos, quer verbais como corporais, durante a infância prediz o uso de agressão contra os pais, isto é, a implementação de castigos

verbais e corporais em criança por parte dos seus pais, está respetivamente associada a níveis mais elevados de agressão verbal e física de adolescentes para com as suas mães.

3.1.2. A Violência Filioparental e a Família. A violência filioparental está, ainda, correlacionada com três tipos de contextos familiares que irei identificar e caracterizar de seguida, relacionando-se diretamente com questões associadas à estrutura e ao funcionamento familiar.

Em primeiro lugar, tal como verificado por Bobic (2004), temos um contexto familiar com inadequada supervisão parental, em que o adolescente tem total autonomia e os pais estabelecem com os seus filhos uma relação de igual, não sendo definidos quaisquer limites (Cottrell, 2001; Paulson et al., 1990; Peek et al., 1985).

Em segundo lugar, contextos familiares em que exista um excessivo controlo parental, sem espaço para a independência, em que o comportamento violento e abusivo surge para obter algum controlo e autonomia sob as suas próprias vidas (Bobic, 2004; Cottrell & Monk, 2004; Paulson et al., 1990; Peek et al., 1985). Normalmente, o que acontece nestes contextos é que os pais frequentemente aplicam o mesmo nível de controlo que aplicaram anteriormente aos seus filhos em criança, esquecendo-se de adaptar a sua atuação de acordo com o estágio de desenvolvimento da adolescência, em que se verifica uma necessidade crescente de autonomia (Cottrell & Monk, 2004).

Por último, temos os contextos familiares em que existe uma inversão entre os papéis de pai e filho, sendo que os adolescentes são forçados a assumir um papel parental com inúmeras responsabilidades, não por desejarem poder, mas porque reconhecem que alguém tem que “comandar” a família e os seus pais não incapazes ou não estão dispostos a fazê-lo (Bobic, 2002; Bobic, 2004; Kennair & Mellor, 2007). Contudo, como não estão preparados e não conseguem lidar com todas estas novas responsabilidades acabam por reagir de um modo violento e agressivo (Bobic, 2004), sendo que compreendem que os benefícios decorrentes dos seus comportamentos agressivos superam as consequências (Cottrell & Monk, 2004; Kennair & Mellor, 2007; Marco, 2013).

Em suma, em todos estes contextos familiares, os adolescentes sentem-se mais distantes dos seus pais, demonstrando que a existência de relações parentais pouco gratificantes e padrões familiares inadequados reflete-se ao nível destes comportamentos violentos (Paulson et al., 1990).

Ora, se estivermos perante um ambiente familiar de fraco envolvimento parental e coesão afetiva (Martínez et al., 2013), sem atividades compartilhadas (García & Alberola, 2010) e comunicação positiva, os pais sentem uma maior dificuldade em estabelecer limites, acabando por ceder ou renunciar à vontade dos filhos (Pagani et al., 2004). De acordo com os resultados obtidos por Bertino e colaboradores (2011) existe mesmo um distanciamento emocional entre os pais e os filhos, bem como entre o casal, por oposição ao que acontece num ambiente de concordância e comunicação mútua entre pais e filhos, em que a probabilidade de se vir a desenvolver violência filio-parental é bastante menor (Peek et al., 1985).

3.1.3. A Violência Filio-parental e os Estilos Parentais. Diretamente correlacionado com as características de funcionamento familiar supramencionadas surgem determinados estilos parentais que parecem exercer, de igual forma, uma grande influência no desenvolvimento da violência filio-parental. Aliás, tal como mencionado por Ibabe e colaboradores (2009), variáveis como o envolvimento parental, a criação de regras e limites e a supervisão estão diretamente relacionadas com determinados estilos parentais.

Neste sentido, a violência filio-parental surge, por um lado, associada a estilos parentais excessivamente permissivos (Cottrell, 2001; Estévez & Góngora, 2009; García & Alberola, 2010), em que existe uma relação horizontal entre pais e filhos com uma distribuição desequilibrada de poder e pouca supervisão, sem qualquer criação de regras e limites, em que, tal como já foi referido anteriormente, verifica-se um processo de parentificação dos filhos, com elevados níveis de autonomia e responsabilidade totalmente inapropriados para a sua idade e maturidade (Cottrell, 2001; Estévez & Góngora, 2009; Paterson, et al, 2002).

Aliás, no estudo de Bertino e colaboradores (2011), pais e filhos envolvidos em violência filio-parental apontam para a permissividade na educação como um dos fatores mais influentes, sendo que aparentemente os pais acabam por ignorar os comportamentos violentos e agressivos dos seus filhos como forma de evitamento do confronto, fortalecendo o poder destes adolescentes e adotando uma posição submissa. A permissividade ou a não interferência do adulto perante um comportamento socialmente inadequado da criança aumenta a probabilidade que esse mesmo comportamento ocorra no futuro (Baumrind, 1966).

Por outro lado, a violência filio-parental surge associada a estilos parentais autoritários, afetando não só o desenvolvimento de condutas agressivas, como também a capacidade de regulação emocional destas crianças e adolescentes (Chang, Dodge e McBride-Chang 2002; Cottrell & Monk, 2004), sendo, nomeadamente, neste estilo parental que “entra” a punição corporal ou verbal, bem como a aprendizagem de formas violentas de resolução de conflitos que transmitem à criança sentimentos de raiva, frieza e ódio (Chang et al., 2002; Rios, Ferreira & Batista, 2016), e que serão posteriormente integrados pelo jovem ao longo do seu desenvolvimento.

Da mesma forma, Baumrind (1966) concluiu que a supervisão estrita, assim como outras manifestações de elevada autoridade parental provoca comportamentos de rebeldia, nomeadamente, na adolescência, sendo necessária a criação de um ambiente familiar com regras e limites, mas com responsabilidades domésticas para ambas as partes. Além de que a existência de uma elevada restrição parental diminui a autoafirmação característica da adolescência e do crescimento.

Assim, a permissividade excessiva, bem como a superproteção excessiva, parecem ser prejudiciais. Tanto a proximidade como o controle devem ser equilibrados no estilo parental” (Estévez & Góngora, 2009, p. 6). Aparentemente, o que acontecerá nestes contextos de violência filio-parental é que existe uma inconsistência entre a aplicação de punições, que seriam adequados durante a infância dos seus filhos, e a adoção de posições de permissividade principalmente perante qualquer reação agressiva às regras impostas (García e Alberola, 2010).

É ainda de salientar que nos contextos de violência filio-parental o grau de concordância entre os estilos parentais da mãe e do pai é menor, comparativamente aos contextos familiares onde não existe violência (Ibabe et al., 2009).

4. Objetivos e Hipóteses de estudo

Visto isto, o Modelo Circumplexo dos Sistemas Conjugais e Familiares pressupõe que os relacionamentos familiares desequilibrados estão associados a funcionamentos familiares problemáticos e disfuncionais (Olson, 2011), sendo que as famílias consideradas desequilibradas estão associadas a níveis extremos de coesão (sistemas familiares *desagregados* e *emaranhados*) e flexibilidade familiar (sistemas familiares *rígidos* e *caóticos*) (Olson, 2011). E, neste sentido, o principal objetivo deste estudo

passará por compreender de que forma é que ambos os extremos do funcionamento familiar, assim como os estilos parentais autoritários, permissivos e autoritativo/participativos, poderão estar correlacionados com a existência de violência filio-parental.

Contudo, antes de mais, é importante compreender melhor algumas variáveis demográficas e familiares associadas a este fenómeno, nomeadamente, as diferenças existentes ao nível do sexo do agressor e questões relacionadas com a anteriormente referida bidirecionalidade da violência filio-parental.

De acordo com a literatura, um conjunto de autores verificaram que não existiam diferenças significativas ao nível do sexo dos adolescentes envolvidos em atos de violência para com os seus pais (Agnew & Huguley, 1989; Cottrell, 2001; Marco, 2013; Pagani et al., 2004; Ulman & Straus, 2003). Enquanto que outro grupo de autores verificaram diferenças no género dos agressores no que diz respeito a perpetuação de agressões psicológicas que tendem, na maioria dos estudos, a ser características das raparigas (Calvete et al., 2011; Calvete et al., 2017; Ulman & Straus, 2003; Ibabe, 2015), sendo que a perpetuação de violência física tende a ser característica dos rapazes (Calvete et al., 2011; Cottrell & Monk, 2004; Ibabe & Jaureguizar, 2011).

Além disso, diversos estudos comprovam a influência da vitimização direta e indireta destas crianças e jovens dentro do seio familiar na probabilidade de ocorrência de atos violentos e agressivos contra os pais. A maioria dos adolescentes que exercem este tipo de violência já terão sido vítimas de abuso ou violência parental em criança (Cottrell, 2001; Cottrell & Monk, 2004; Meredith et al., 1986), bem como testemunhas de atos de violência conjugal entre os seus pais (Brezina, 1999; Browne & Hamilton, 1998; Gallagher, 2004; Humphreys & Mullender, 2004; Peek et al., 1985; Bobic, 2004).

Neste sentido, formulam-se as seguintes hipóteses:

H1. “Existem diferenças significativas ao nível da violência filio-parental (física e psicológica) perpetuada contra a mãe e/ou contra o pai em função do sexo do agressor, esperando-se que os rapazes exerçam mais violência física e as raparigas mais violência psicológica para com ambos os progenitores”;

H2: “Existem maiores níveis de violência filiofamiliar (física e psicológica) contra a mãe e/ou o pai se os filhos já testemunharam ou foram vítimas de violência nas suas próprias casas”;

De seguida, tal como enunciado por diversos autores existe uma relação entre a violência filiofamiliar e estilos parentais tanto autoritários (e.g., Baumrind, 1966; Chang et al., 2002; Cottrell & Monk, 2004) como permissivos (e.g., Bertino et al., 2011; Cottrell, 2001; Estévez & Góngora, 2009; García & Alberola, 2010; Paterson et al., 2002), sendo o estilo parental autoritativo/participativo o mais adequado para um desenvolvimento saudável (Baumrind, 1966; Mota & Pinheiro, 2018).

Segundo Miguel e colaboradores (2009), os estilos parentais correspondem a um conjunto de atitudes, práticas e comportamentos que os pais exercem para com os seus filhos, fazendo, desde modo, sentido perceber a perceção dos progenitores relativamente a frequência deste tipo de atitudes, práticas e comportamentos, avaliando os seus estilos parentais e compreendendo a sua influência no desenvolvimento de violência filiofamiliar. Daí terem sido elaboradas as seguintes hipóteses:

H3: “A violência filiofamiliar (física e psicológica) contra a mãe e/ou pai está positivamente correlacionada com estilos parentais autoritários e permissivos”;

H4: “A violência filiofamiliar (física e psicológica) contra a mãe e/ou pai está negativamente correlacionada com estilos parentais autoritativos/participativos”;

Para terminar, a literatura aponta também diversas variáveis de contexto familiar associadas ao surgimento deste fenómeno de violência (Bobic, 2002; Bobic, 2004; Cottrell, 2001; Cottrell & Monk, 2004; Kennair & Mellor, 2007; Marco, 2013; Paulson et al., 1990; Peek et al., 1985) sem explicitar concretamente de que forma estas variáveis se refletem em funcionamentos e sistemas familiares desequilibrados, nomeadamente, com níveis de flexibilidade e coesão familiares extremos (i.e., sistemas familiares *desagregados, emaranhados, rígidos e caóticos*).

Neste sentido, podemos hipotetizar que, por um lado, sistemas familiares *rígidos* e *aglutinados* estão relacionados com a ocorrência de comportamentos violentos por parte dos filhos para com os seus pais, uma vez que existe excessivo controlo parental, com regras e limites claros sem possibilidade de mudança, em que surge, como já foi mencionado, a violência como um meio para obter autonomia e independência

(Baumrind, 1978; Bobic, 2004; Cottrell & Monk, 2004; Paulson et al., 1990; Peek et al., 1985).

Por outro, sistemas familiares *caóticos* e *desagregados* surgem igualmente relacionados com o fenómeno da violência filio-parental por se verificar: (a) uma inadequada supervisão parental com total autonomia sem regras e limites (Bobic, 2004; Cottrell, 2001; Paulson et al., 1990; Peek et al., 1985), em que cada indivíduo está focado nos seus próprios interesses; e (b) a inversão de papéis entre pais e filhos, onde os últimos assumem responsabilidades para as quais não estão preparados, reagindo de modo violento e agressivo (Bobic, 2002; Bobic, 2004; Cottrell, 2001; Estévez & Góngora, 2009; García & Alberola, 2010; Kennair & Mellor, 2007; Paterson et al., 2002)

Em suma, podemos elaborar a seguinte hipótese:

H5: “A violência filio-parental (física e psicológica) contra a mãe e/ou pai está positivamente correlacionada com nível extremados, isto é, altos e baixos de coesão e flexibilidade familiar”.

A literatura parece ainda “falhar” na compreensão da forma como funcionamentos familiares disfuncionais, com níveis de coesão e flexibilidade extremados e desequilibrados se relacionam com a violência filio-parental e com estilos parentais autoritários e permissivos igualmente associados positivamente a este fenómeno, sendo, neste sentido, pertinente compreender qual destas variáveis tem um maior impacto.

Q1: “Os estilos parentais, tanto autoritários como permissivos, têm um maior impacto do que funcionamentos familiares rígidos e aglutinados, bem como caóticos e desagregados, nos níveis de violência filio-parental (física e psicológica) contra a mãe e/ou o pai”.

Método

1. Participantes

Participaram no presente estudo um total de 145 adolescentes de ambos os sexos, mais concretamente 91 do sexo feminino (62.8%) e 54 do sexo masculino (37.2%) com idades compreendidas entre os 15 e os 19 anos ($M=16.43$ anos; $DP=1.01$) de uma escola pública de Alverca, bem como um total de 128 encarregados de educação, 79 mães (61.7%) com idades compreendidas entre os 34 e 54 anos ($M=46.37$ anos; $DP=4.23$) e 49 pais (38.3%) com idades compreendidas entre os 37 e 63 anos ($M=47.94$ anos; $DP=4.97$) dos adolescentes anteriormente referidos. É de salientar que foi possível recolher dados de 47 tríades completas, constituídas pela mãe, pai e filho(a).

De acordo com a Tabela 1, 137 são de nacionalidade portuguesa e 6 de nacionalidade brasileira, desconhecendo-se a nacionalidade de 2 alunos que não responderam à questão. No que diz respeito aos pais, a maioria são igualmente de nacionalidade portuguesa, sendo os restantes de outras nacionalidades, nomeadamente brasileira, norueguesa e angolana, tendo-se verificado também que 2 encarregados de educação não responderam a esta questão.

Tabela 1 – Nacionalidade Adolescentes, Mães e Pais

	Adolescentes		Mães		Pais	
	Frequência		Frequência		Frequência	
Portuguesa	137	94.5%	72	91.1%	45	91.8%
Brasileira	6	4.2%	5	6.3%	2	4.1%
Norueguesa	0	0%	1	1.3%	0	0%
Angolana	0	0%	1	1.3%	0	0%
Não resposta	2	1.4%	0	0%	2	4.1%
Total	145	100%	79	100%	49	100%

A maioria dos jovens frequentavam o 11º ano de escolaridade, 36 adolescentes frequentavam o 10º ano de escolaridade e 15 frequentavam o 12º ano de escolaridade, sendo que 120 jovens nunca reprovaram, 20 já reprovaram uma vez e 5 duas vezes (Tabela 2).

Tabela 2 – Ano de Escolaridade frequentado pelos Adolescentes com Reprovações

		Frequências	Percentagens
Ano de Escolaridade	10º Ano	36	24.8%
	11º Ano	94	64.8%
	12º Ano	15	10.3%
Reprovações	Nunca	120	82.7%
	Reprovaram 1x	20	10.3%
	Reprovaram 2x	5	3.4%
Total		145	100%

Considerando, ainda, os aspetos referentes às características e dinâmicas familiares, 35 adolescentes vivem apenas com os dois progenitores, 63 com os pais e os irmãos, 28 apenas com a mãe, 4 apenas com o pai, 8 passam uma semana com um dos progenitores e outra semana com o outro e, por último, 7 vivem com a família mais alargado, incluindo pais, irmãos, avós e/ou tios e primos (Tabela 3), sendo que a maioria tem irmãos (111 adolescentes; 76.6%) e 59 (53.2%) posicionaram-se como sendo os mais novos da fratria, 38 (34.2%) os mais velhos, 11 (9.9%) os do meio e 3 (2.7%) indicaram ter irmãos gémeos.

Tabela 3 – Distribuição de frequências das respostas dos Adolescentes à questão “Com quem vives?”

	Frequências	Percentagens
Com os Pais e Irmãos	63	43.4%
Com os dois Pais	35	24.1%
Apenas com a Mãe	28	19.3%
Apenas com o Pai	4	2.8%
Uma semana com cada um dos progenitores	8	5.5%
Família Alargada	7	4.8%
Total	145	100%

A maioria dos jovens indica que pais estão juntos (98 adolescentes; 67.6%), existindo, deste modo, 42 jovens com os pais divorciados (29.0%), indicando respostas bastante heterogéneas quando questionados acerca da forma como viveram essa mesma separação e a divisão de tempo entre os progenitores (Tabela 4).

Tabela 4 - Vivências dos Adolescentes relativamente à separação dos pais

	Como é que a separação foi vivida por ti?		Como é que a divisão do tempo entre os teus pais é vivida por ti?	
	Frequência		Frequência	
Muito Bem	10	23.8%	12	28.6%
Bem	9	21.4%	11	26.2%
Mais ou Menos	7	16.7%	9	21.4%
Mal	5	11.9%	7	16.7%
Muito Mal	11	26.2%	3	7,1%
Total	42	100%	42	100%

Além disso, por um lado, 35 adolescentes e 11 mães já testemunharam violência em sua casa, e 22 adolescentes e 13 mães já foram vítimas de violência (Tabela 5 e 6).

Tabela 5 – Testemunhos de violência em casa (adolescentes, mães e pais)

	Testemunhas ou já testemunhaste algum tipo de violência na tua casa?		
	Adolescentes	Mães	Pais
Sim	35 (24.1%)	11 (13.9%)	2 (4.1%)
Não	107 (73.8%)	68 (86.1%)	47 (95.9%)
Não resposta	3 (2.1%)	0 (0%)	0 (0%)
Total	145 (100%)	79 (100%)	49 (100%)
SE SIM:	Frequência		
≤ 1x por Mês	10 (28.6%)	3 (27.3%)	0 (0%)
1/2x por Semana	6 (17.1%)	2 (18.2%)	0 (0%)
Todos os Dias	2 (5.7%)	0 (0%)	0 (0%)
Já não acontece	13 (37.1%)	4 (36.4%)	2 (100%)
Não resposta	4 (11.4%)	2 (18.2%)	0 (0%)
Total	35 (100%)	11 (100%)	2 (100%)

Tabela 6 – Vivências de violência em casa (adolescentes, mães e pais)

	És ou já foste vítima de algum tipo de violência na tua casa?		
	Adolescentes	Mães	Pais
Sim	22 (15.2%)	13 (16.5%)	2 (4.1%)
Não	110 (75.8%)	54 (68.3%)	43 (87.8%)
Não resposta	13 (9.0%)	12 (15.2%)	4 (8.2%)
Total	145 (100%)	79 (100%)	49 (100%)
SE SIM:	Frequência		
≤ 1x por Mês	8 (36.4%)	5 (38.5%)	1 (50.0%)
1/2x por Semana	4 (18.2%)	3 (23.1%)	1 (50.0%)
Todos os Dias	0 (0%)	2 (15.4%)	0 (0%)
Já não acontece	7 (31.8%)	1 (7.7%)	0 (0%)
Não resposta	3 (13.6%)	2 (15.4%)	0 (0%)
Total	22 (100%)	13 (100%)	2 (100%)

Por outro lado, no que diz respeito aos pais, 2 já testemunharam violência em sua casa, nomeadamente brigas entre irmãos e violência física entre os progenitores durante à infância, e 2 já foram igualmente vítimas de violência em casa, ambos por parte do cônjuge, sendo que um dos pais terá indicado como tipo de violência experienciada empurrões que ocorriam 1 vez por mês ou menos e o outro referiu violência psicológica (manipulação e chantagem emocional) que ocorreu durante 13 anos 1 ou 2 vezes por semana (Tabela 5 e 6). É de notar que toda a informação relativa as frequências com que ocorrem ou ocorreram essas vivências estão ilustradas igualmente nas Tabelas 5 e 6.

2. Instrumentos

2.1. Escala de Avaliação da Flexibilidade e Coesão Familiar (FACES-IV)

A Escala de Avaliação da Flexibilidade e Coesão Familiar (FACES-IV - *Family Adaptability and Cohesion Evaluation Scale*) corresponde a um instrumento de autorrelato que permite analisar duas dimensões centrais, a coesão e a flexibilidade, sendo que esta quarta versão do instrumento conta com a introdução de mais duas dimensões fundamentais para a compreensão do funcionamento familiar que correspondem à comunicação e à satisfação familiar. No total este instrumento é constituído por 62 itens, foi adaptado tendo em conta o Modelo Circumplexo dos Sistemas Conjugais e Familiares (Olson, 2011) e encontra-se em processo de validação para a população portuguesa (Gouveia-Pereira, Gomes, Miranda & Coutinho, 2014).

As dimensões correspondentes à coesão e à flexibilidade familiar englobam 42 itens construídos sob a forma de uma escala tipo Likert com 5 níveis que variam de 1 (“Discordo fortemente”) a 5 (“Concordo fortemente”) e divide-se em 6 subescalas em que duas delas permitem aceder aos níveis equilibrados de coesão e flexibilidade familiar (Coesão equilibrada – ex., “Os membros da minha família estão envolvidos nas vidas uns dos outros” e “Os membros da minha família sentem-se muito próximos uns dos outros”; Flexibilidade equilibrada – ex., “A minha família tenta novas formas de lidar com os problemas” e “Os pais partilham a liderança na nossa família”) e as restantes aos níveis desequilibradas (Coesão desagregada – ex., “Nós damos-nos melhor com pessoas de fora da nossa família do que com as de dentro” e “Os membros da minha família parecem evitar o contacto uns com os outros quando estão em casa”; Coesão aglutinada – ex., “Nós passamos demasiado tempo junto” e “Os membros da minha família sentem-se pressionados a passarem juntos a maior parte do seu tempo livre”; Flexibilidade rígida – ex., “Na nossa família, há consequências rigorosas para quem quebra as regras” e “Existem consequências claras quando um membro da minha família faz alguma coisa errada”; Flexibilidade caótica – ex., “Na nossa família, parece que nunca nos conseguimos organizar” e “É difícil saber quem é o líder da nossa família”), cada uma destas subescalas é constituída por 7 itens organizados de forma intercalada.

Por fim, as escalas correspondentes às dimensões de comunicação (ex., “Quando zangados, os membros da minha família raramente referem aspetos negativos acerca uns dos outros” e “Os membros da minha família expressam os seus verdadeiros sentimentos

uns aos outros”) e satisfação familiar (ex., “Quão satisfeito está com o grau de proximidade entre os membros da família” e “Quão satisfeito está com a capacidade da minha família para lidar com o *stress*”) englobam 10 itens cada uma, sendo que a escala de satisfação é a única que se organiza sob a forma de uma escala tipo Likert, igualmente com 5 níveis, que varia de 1 (“Muito descontente”) a 5 (“Extremamente satisfeito”).

Neste sentido, analisando as qualidades psicométricas das diferentes subescalas no presente estudo, tal como se verifica na Tabela 7, para a amostra dos adolescentes apresenta um alfa de Cronbach de 0.81 para a Coesão equilibrada, de 0.69 para a Coesão desagregada, de 0.50 para a Coesão aglutinada, de 0.41 para a Flexibilidade equilibrada, de 0.62 para a Flexibilidade rígida e de 0.63 para a Flexibilidade caótica. Nomeadamente no que diz respeito à Coesão aglutinada e à Flexibilidade equilibrada verificamos valores de consistência interna baixos, mas ao retirar o item 22 da primeira subescala e o 2 da segunda os alfas passam a assumir valores de 0.60.

Por outro lado, analisando as mesmas subescalas para a amostra das mães e para a amostra dos pais, o alfa de Cronbach foi, respetivamente, de 0.79 e 0.78 para a Coesão equilibrada, de 0.60 e 0.74 para a Coesão desagregada, de 0.61 e 0.44 para a Coesão aglutinada, de 0.62 e 0.67 para a Flexibilidade equilibrada, de 0.71 e 0.46 para a Flexibilidade rígida e de 0.60 e 0.63 para a Flexibilidade caótica (Tabela 7).

Tabela 7 - Análise de Fidelidade das Subescalas do Instrumento FACES-IV

	Adolescentes			Mães			Pais		
	Média	Desvio Padrão	Alfa de Cronbach	Média	Desvio Padrão	Alfa de Cronbach	Média	Desvio Padrão	Alfa de Cronbach
Coesão Equilibrada	3.93	0.60	0.81	4.17	0.50	0.79	4.08	0.46	0.78
Coesão Desagregada	2.48	0.57	0.69	2.11	0.43	0.61	2.17	0.55	0.74
Coesão Aglutinada	2.40	0.49	0.60	2.37	0.50	0.61	-	-	0.44
Flexibilidade Equilibrada	3.54	0.55	0.60	3.76	0.49	0.62	3.67	0.48	0.67
Flexibilidade Rígida	2.91	0.55	0.62	2.86	0.58	0.71	-	-	0.46
Flexibilidade Caótica	2.35	0.58	0.63	2.14	0.48	0.60	2.17	0.48	0.63
Comunicação	3.54	0.69	0.87	3.94	0.55	0.88	3.97	0.56	0.89
Satisfação	3.35	0.77	0.91	3.58	0.68	0.93	3.60	0.66	0.94

Para terminar, o alfa de Cronbach para a escala da comunicação assumiu valores de 0.87 para os adolescentes, 0.88 para as mães e 0.89 para os pais, e para a escala de satisfação 0.94 para os adolescentes, 0.93 para as mães e 0.91 para os pais (Tabela 7).

Desde modo, à exceção dos valores de alfa de Cronbach referentes à subescala de Coesão aglutinada e Flexibilidade rígida para os pais que demonstram uma consistência interna baixa, não sendo, por esse motivo, alvo de análise no presente estudo. Todos os restantes valores refletem consistências internas boas e admissíveis.

2.2. Questionário de Agressão Parental (CPAQ)

Com o objetivo de avaliar formas físicas e psicológicas de agressão de filhos adolescentes para com os seus progenitores recorreu-se ao Questionário de Agressão Parental (CAPQ – *Child-to-Parent Aggression Questionnaire*), um instrumento de autorrelato desenvolvido por Calvete et al. (2013) que inclui, como já foi mencionado, formas de agressão física e psicológica direcionadas tanto para a mãe quanto para o pai. Originalmente este instrumento é constituído por 20 itens (10 referentes à mãe e 10 referentes ao pai), contudo na versão portuguesa terá sido adicionado outro item à dimensão correspondente à agressão física (“Deste uma bofetada ou bateste nos teus pais”), perfazendo um total de 22 itens (11 referentes à mãe e 11 referentes ao pai).

Neste sentido, o CAPQ é composto por 7 itens referentes à agressão psicológica (ex., “Gritaste com a tua mãe/pai quando estavas zangado” e “Fizeste algo que aborresse a tua mãe/pai”) e 4 itens referentes à agressão física (ex., “Empurraste ou bateste na tua mãe/pai numa discussão” e “Bateste na tua mãe/pai com algo que a/o pudesse magoar”) que sob a forma de uma escala tipo Likert com 4 níveis que variam de 0 (“Nunca – Isto nunca aconteceu na minha relação com a minha mãe ou pai”) a 3 (“Frequentemente – Isto aconteceu 6 ou mais vezes”) permite aos adolescentes indicar a frequência dos diversos comportamentos apresentados, respetivamente, para com a sua mãe e para com o seu pai durante o último ano. É notar que este instrumento inclui ainda duas questões abertas para que os jovens indiquem as razões que os levaram, respetivamente, a insultar/aborrecer e bater nos progenitores.

Foram encontrados alfas de Cronbach de 0.70 e 0.69 para a agressão psicológica, respetivamente, contra o pai e contra a mãe, e alfas de Cronbach de 0.67 e 0.61 para a agressão física, respetivamente, contra o pai e contra a mãe, sendo que para esta última

dimensão terá sido excluído o item 4 por apresentar uma variância de 0 (Tabela 8). Neste sentido, todos os valores refletem consistências internas boas e admissíveis.

Tabela 8 - Análise de Fidelidade das Subescalas do Instrumento CPAQ

	Contra a Mãe			Contra o Pai		
	Média	Desvio Padrão	Alfa de Cronbach	Média	Desvio Padrão	Alfa de Cronbach
Agressão Psicológica	0.70	0.43	0.69	0.60	0.45	0.70
Agressão Física	0.02	0.11	0.61	0.04	0.19	0.67

2.3. Questionário de Estilos e Dimensões Parentais (PSDQ)

O Questionário de Estilos e Dimensões Parentais (PSDQ – *Parenting Styles and Dimensions Questionnaire*) avalia os estilos parentais utilizados por pais e mães de crianças e adolescentes em idade escolar de acordo com os três estilos parentais sugeridos por Baumrind (1978) e descritos anteriormente ao longo do enquadramento teórico (i.e., o estilo parental autoritativo/participativo, o autoritário e o permissivo). Este questionário de autorrelato terá sido originalmente elaborado por elaborado por Robinson, Mandleco, Olsen e Hart (2001) e adaptado à população portuguesa por Miguel, Valentim e Carugati (2013).

Para cada um dos 32 itens constituintes do PSDQ cada progenitor deverá indicar o grau de frequência com que atua do modo apresentado com o(a) seu/sua filho(a), por intermédio de uma escala tipo Likert de 5 níveis que variam de 1 (“Nunca”) a 5 (“Sempre”).

Posto isto, o questionário subdivide-se nos três estilos parentais supramencionados, sendo que, por um lado, o estilo parental autoritativo/participativo engloba um total de 15 itens, nomeadamente, 5 correspondentes à dimensão de apoio e afeto [ex., “Dou resposta aos sentimentos e necessidades do(a) meu/minha filho(a)” e “Incentivo o(a) meu/minha filho(a) a falar dos seus problemas”], 5 correspondentes à dimensão regulação [ex., “Explico ao(à) meu/minha filho(a) como me sinto quando se porta bem e quando se porta mal” e “Saliento as razões das regras que estabeleço”] e 5 correspondentes à dimensão autonomia [ex., “Tomo em conta o que o(a) meu/minha filho(a) quer ou deseja antes de lhe pedir para fazer algo” e “Incentivo o(a) meu/minha filho(a) a expressar-se livremente, mesmo quando não está de acordo comigo”].

Por outro lado, o estilo parental autoritário engloba um total de 12 itens, nomeadamente, 4 correspondentes à dimensão coerção física [ex., “Castigo fisicamente o(a) meu/minha filho(a) como forma de o(a) disciplinar” e “Dou uma palmada ao(à) meu/minha filho(a) quando ele(a) é desobediente”], 4 correspondentes à dimensão hostilidade verbal [ex., “Grito ou falo alto quando o(a) meu/minha filho(a) se porta mal” e “Enfureço-me com o(a) meu/minha filho(a)”] e 4 correspondentes à dimensão punição [ex., “Castigo o(a) meu/minha filho(a) retirando-lhe privilégios com poucas ou nenhuma explicação” e “Uso ameaças como forma de castigo com poucas ou nenhuma justificações”].

Por último, o estilo parental permissivo engloba apenas 5 itens correspondentes à dimensão indulgência [ex., “Acho difícil disciplinar o(a) meu/minha filho(a)” e “Cedo ao(à) meu/minha filho(a) quando faz uma birra por qualquer coisa”].

No que diz respeito às qualidades psicométricas, no presente estudo, verifica-se que, assim como ilustrado na Tabela 9, para a amostra respeitante às mães o alfa de Cronbach foi de: (a) 0.89 para o estilo parental autoritativo/participativo; (b) 0.83 para o estilo parental autoritário; e (c) 0.71 para o estilo parental permissivo. Para a amostra respeitante aos pais o alfa de Cronbach foi, por sua vez, de: (a) 0.86 para o estilo parental autoritativo/participativo; (b) 0.78 para o estilo parental autoritário; e (c) 0.73 para o estilo parental permissivo.

Tabela 9 - Análise de Fidelidade das Subescalas do Instrumento PSDQ

	Mães			Pais		
	Média	Desvio Padrão	Alfa de Cronbach	Média	Desvio Padrão	Alfa de Cronbach
Estilo Parental Autoritário	2.08	0.54	0.83	1.97	0.47	0.78
Estilo Parental Autoritativo/Participativo	4.24	0.48	0.89	4.02	0.49	0.86
Estilo Parental Permissivo	2.30	0.72	0.71	2.34	0.69	0.73

3. Procedimento

O presente estudo envolve uma amostra de adolescentes provenientes de uma escola pública de Alverca e como tal foi necessário pedir autorização à direção (Anexo A) para ser possível iniciar a recolha de dados com os alunos, sendo que ainda antes desta recolha foi estabelecido um contacto pessoal com o diretor do estabelecimento de ensino a fim de esclarecer os objetivos do estudo, os instrumentos a utilizar e as características da amostra pretendida, tendo sido elaborada, por parte do diretor, uma lista com as turmas que me poderia dirigir, identificando igualmente os professores responsáveis.

Posteriormente, foram elaboradas autorizações para os encarregados de educação a informar os responsáveis pelos participantes menores de 18 anos do objetivo do estudo, do carácter voluntário, da confidencialidade e da duração do mesmo (Anexo B), que foram entregues em contexto de sala de aula, agendando-se com os professores uma data de regresso para recolher as mesmas e iniciar a recolha de dados com os alunos autorizados.

A recolha de dados terá sido igualmente realizada em contexto de sala de aula no início ou no final de acordo com as necessidades dos professores em sala. Antes da distribuição dos questionários os alunos foram informados dos objetivos e da duração do estudo, realçando-se igualmente o seu carácter voluntário e confidencial, não havendo respostas certas nem erradas, sendo que as mesmas seriam apenas usadas para efeitos meramente estatísticos.

Para além disso, neste estudo é pretendido aceder a amostra dos progenitores de cada um dos adolescentes envolvidos, por isso foi também explicado aos alunos a importância dos seus pais contribuírem também para a investigação, entregando-se a cada um deles dois envelopes que deveriam entregar aos pais e devolver selados numa data a combinar, realçando sempre que os questionários seriam para os pais responderem sozinhos e sem qualquer interferência.

Posto isto, os jovens iniciaram o preenchimento do questionário (Anexo C) começando pela escala FACES-IV, o CPAQ e, por fim, um questionário sociodemográfico no qual os participantes forneciam alguns dados como a idade, género, ano de escolaridade, informações relativas ao agregado familiar, casos de violência em casa e outras dados considerados relevantes, tendo sido esclarecidas todas as dúvidas que

surgiam durante a execução do questionário. É de referir que o questionário fornecido aos pais (Anexo D) iniciava-se igualmente pela escala FACES, sendo seguindo do PSDQ e terminando também num questionário sociodemográfico semelhante ao apresentado aos filhos.

À medida que os alunos terminavam o preenchimento dos questionários colocavam-nos numa caixa para reforçar o anonimato e a confidencialidade da participação, sendo que no final de cada um eram disponibilizados contactos, caso os adolescentes ou pais apresentassem ou sentissem necessidade de falar sobre possíveis comportamentos apresentados.

Resultados

1. A Violência Filioparental

Analisou-se a primeira hipótese deste estudo, verificando-se se existiam diferenças significativas ao nível das médias referentes à ocorrência de agressões psicológicas e físicas para com ambos os progenitores por parte dos seus filhos em função do sexo dos últimos, realizando-se, neste sentido, vários *T-Tests* para amostras independentes.

Embora seja possível verificar uma maior ocorrência, em média, de agressões aos pais por parte dos rapazes, à exceção das agressões físicas para com os progenitores do sexo masculino que ocorrem mais, em média, por parte das suas filhas (Tabela 10). Estas diferenças apenas foram significativas no que diz respeito a ocorrência de agressões psicológicas para com a mãe, apesar de dizerem respeito, em ambos os casos, a ocorrências raras (aconteceram 1 ou 2 vezes no último ano) (Tabela 10).

Tabela 10 - Diferenças na Violência Filioparental em função do sexo do agressor

	Feminino	Masculino	<i>t</i>	<i>sig (p)</i>
	Média	Média		
Agressão Psicológica Mãe	0.64	0.80	-2.263	0.025*
Agressão Psicológica Pai	0.55	0.62	-0.962	0.338
Agressão Física Mãe	0.01	0.04	-1.587	0.115
Agressão Física Pai	0.05	0.03	0.635	0.526

Nota: * $p \leq 0.05$ (diferença estatisticamente significativa)

Além disso, torna-se ainda importante verificar se existem diferenças significativas ao nível das médias referentes à ocorrência de agressões psicológicas e físicas para com ambos os progenitores por parte dos seus filhos em função do facto dos últimos terem testemunhado ou serem vítimas de violência em casa (Hipótese 2), realizando-se novamente vários *T-Tests* para amostras independentes.

Concluindo-se, assim, que apesar das ocorrências médias de qualquer tipo de agressões para com ambos os progenitores por parte dos seus filhos serem maiores quando os últimos testemunham ou já testemunharam (Tabela 11) e/ou são ou já foram vítimas

de violência em casa (Tabela 12). Estas diferenças apenas são significativas no que diz respeito à ocorrência de agressões psicológicas, quer seja para com a mãe ou para com o pai, de filhos vítimas de violência em casa (Tabela 12).

Tabela 11 – Diferenças na Violência Filioparental em função de Testemunhar Violência em casa

	Testemunhas ou já testemunhaste algum tipo de violência na tua casa?			
	Sim		Não	
	Média	Média	<i>t</i>	<i>sig (p)</i>
Agressão Psicológica Mãe	0.79	0.68	1.284	0.201
Agressão Psicológica Pai	0.66	0.55	1.140	0.257
Agressão Física Mãe	0.06	0.01	1.423	0.163
Agressão Física Pai	0.13	0.01	1.830	0.076

Nota: * $p \leq 0.05$ (diferença estatisticamente significativa)

Tabela 12 – Diferenças na Violência Filioparental em função de Ser Vítima de Violência em casa

	És ou já foste vítima de algum tipo de violência na tua casa?			
	Sim		Não	
	Média	Média	<i>t</i>	<i>sig (p)</i>
Agressão Psicológica Mãe	0.87	0.67	1.926	0.050*
Agressão Psicológica Pai	0.82	0.54	2.583	0.011*
Agressão Física Mãe	0.08	0.01	1.543	0.137
Agressão Física Pai	0.18	0.02	1.732	0.098

Nota: * $p \leq 0.05$ (diferença estatisticamente significativa)

1.1. A Violência Filioparental e os Estilos Parentais

Como objetivo de analisar a hipótese 3 e 4 deste estudo, e compreender de que forma as agressões físicas e psicológicas para com a mãe e para com o pai se relacionam com estilos parentais autoritativos/participativos, autoritários e permissivos de qualquer um dos progenitores, procedeu-se à elaboração de Correlações de *Pearson*.

De acordo com o exposto na Tabela 13, os resultados indicam correlações significativas e positivas entre as agressões psicológicas, quer seja para com a mãe como para com o pai, e estilos parentais autoritários ($r=0.25$ e $r=0.30$, respetivamente) e permissivos ($r=0.31$ e $r=0.35$, respetivamente) por parte apenas da mãe. Notando-se também uma correlação significativa e positiva entre as agressões físicas para com o pai e um estilo parental autoritário igualmente da mãe ($r=0.33$).

Não se verificaram quaisquer correlações significativas entre estilos parentais autoritativos/participativos de qualquer um dos progenitores e a ocorrências de agressões psicológicas ou físicas por parte dos filhos, sendo de notar que todas as correlações acima mencionadas podem ser consideradas fracas.

Tabela 13 – Matriz correlacional entre a Violência Filioparental e os Estilos Parentais

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
1. Agressão Psicológica contra a Mãe	-									
2. Agressão Física contra a Mãe	0.39**	-								
3. Agressão Psicológica contra o Pai	0.58**	0.21*	-							
4. Agressão Física contra o Pai	0.01	0.33**	0.27**	-						
5. Estilo Parental Autoritativo Mãe	0.09	-0.02	-0.05	0.05	-					
6. Estilo Parental Autoritário Mãe	0.25*	0.08	0.30*	0.33**	-0.02	-				
7. Estilo Parental Permissivo Mãe	0.31*	0.11	0.35**	0.15	-0.12	0.44**	-			
8. Estilo Parental Autoritativo Pai	-0.14	0.20	-0.12	-0.09	0.28	-0.09	-0.03	-		
9. Estilo Parental Autoritário Pai	0.10	-0.20	0.08	0.14	0.10	0.59**	0.18	-0.17	-	
10. Estilo Parental Permissivo Pai	0.20	0.01	0.22	0.14	0.19	0.22	0.44**	-0.14	0.33*	-

Nota: ** $p \leq 0.01$, * $p \leq 0.05$ (diferença estatisticamente significativa)

1.2. A Violência Filioparental e o Funcionamento Familiar

Além disso, para compreender de que forma as agressões físicas e psicológicas para com a mãe e para com o pai se relacionam com os diferentes sistemas familiares, nomeadamente os desajustados (i.e., rígido, caótico, desagregado ou aglutinado), respondendo à hipótese 5, procedeu-se igualmente à elaboração de correlações de *Pearson*.

Neste sentido, os resultados indicam correlações de intensidade fraca significativas e positivas entre as agressões psicológicas para com a mãe e sistemas familiares reportados como caóticos pelos jovens ($r=0.33$) e as agressões físicas para com o pai e sistemas familiares reportados como rígidos ($r=0.29$) (Tabela 14). Não se verificaram quaisquer correlações significativas entre sistemas familiares com níveis extremos de coesão (i.e., desagregados ou aglutinados) e a ocorrência de violência filioparental.

Tabela 14 – Matriz Correlacional entre Violência Filioparental e a percepção de Funcionamento Familiar dos Adolescentes

	1	2	3	4	5	6	7	8
1. Agressão Psicológica contra a Mãe	-							
2. Agressão Física contra a Mãe	0.39**	-						
3. Agressão Psicológica contra o Pai	0.58**	0.21*	-					
4. Agressão Física contra o Pai	0.01	0.33**	0.27**	-				
5. Coesão Desagregada	0.03	0.05	0.08	-0.01	-			
6. Coesão Aglutinada	0.12	0.05	0.04	-0.03	-0.12	-		
7. Flexibilidade Rígida	-0.11	-0.03	-0.05	0.29**	0.01	0.12	-	
8. Flexibilidade Caótica	0.33**	0.07	0.14	-0.16	0.38**	0.20*	-0.30**	-

Nota: ** $p \leq 0.01$, * $p \leq 0.05$ (diferença estatisticamente significativa)

2. Violência Filioparental, Estilos Parentais e Funcionamento Familiar

Para terminar e a fim de dar resposta à questão de investigação formulada foram elaboradas Regressões Lineares Múltiplas com o Método *Stepwise*, tentando compreender-se quais das variáveis positivamente associadas à violência filio-parental é que têm um maior impacto para a sua explicação e perceber de que forma é que os estilos parentais em conjunto com sistemas familiares desajustados explicam a ocorrência de agressões para com os progenitores por parte dos seus filhos.

Posto isto, os resultados indicam que as agressões psicológicas contra as mães podem ser explicadas tanto por estilos parentais permissivo das mesmas como por sistemas familiares reportados como caóticos pelos jovens, sendo que esta última variável explicativa tem um maior impacto na probabilidade de ocorrência das referidas agressões ($\beta=0.36$), embora os valores não difiram muito entre si (Tabela 15). É de salientar que

20% da variância das agressões psicológicas para com as mães são explicadas por estas mesmas variáveis ($R^2_{\text{ajustado}}=0.20$) (Tabela 15).

Tabela 15 - Influência de Sistemas Familiares Caóticos e Estilos Parentais Permissivos da Mãe na Violência Filioparental (Agressão Psicológica Mãe)

Váriaveis Explicativas	Beta	<i>t</i>	<i>Sig (p)</i>
Estilo Parental Permissivo Mãe	0.34	3.31	0.002
Sistemas Familiares Caóticos	0.36	3.09	0.003

$R^2_{\text{ajustado}} = 0.20$

Os resultados indicam igualmente que as agressões físicas contra os pais podem ser explicadas tanto por estilos parentais autoritários das mães como por sistemas familiares reportados como rígidos pelos jovens, sendo o estilo parental a variável explicativa com um maior impacto na probabilidade de ocorrência das referidas agressões ($\beta=0.31$) (Tabela 16). É de notar que 15% da variância das agressões físicas para com os pais são explicadas por estas mesmas variáveis ($R^2_{\text{ajustado}}=0.15$) (Tabela 16).

Tabela 16 - Influência de Sistemas Familiares Rígidos e Estilos Parentais Autoritários da Mãe na Violência Filioparental (Agressão Física Pai)

Váriaveis Explicativas	Beta	<i>t</i>	<i>Sig (p)</i>
Estilo Parental Autoritário Mãe	0.31	2.75	0.008
Sistemas Familiares Rígidos	0.25	2.24	0.029

$R^2_{\text{ajustado}} = 0.15$

Discussão

De um modo geral, os resultados anteriormente expostos demonstraram que os estilos parentais, especificamente, exercidos pelas figuras maternas influenciam a probabilidade de surgirem comportamentos violentos por parte dos adolescentes contra os seus progenitores.

Neste sentido, por um lado, a adoção de estilos parentais mais autoritários aumenta a probabilidade de ocorrência de agressões psicológicas contra ambos os progenitores e físicas para com a figura paterna, por parte dos seus filhos. Por outro lado, a adoção de estilos parentais mais permissivos aumenta, igualmente, a probabilidade de ocorrência de violência filiofamiliar psicológica para o pai e a mãe.

Além disto, verificou-se a existência: (a) de relações entre a violência filiofamiliar psicológica contra a mãe e a existência de sistemas familiares com níveis de altos de flexibilidade (i.e., caóticos); e (b) de relações entre a violência filiofamiliar física contra o pai e a existência de sistemas familiares com níveis baixos de flexibilidade (i.e., rígidos). Neste estudo, as agressões psicológicas contra as mães parecem ser explicadas tanto pelos estilos parentais permissivo das mesmas como por sistemas familiares reportados como caóticos pelos jovens, e as agressões físicas contra os pais parecem ser explicadas tanto pelos estilos parentais autoritários das mães como por sistemas familiares reportados como rígidos pelos jovens.

É de notar que, neste estudo, apenas os jovens que foram vítimas de violência em casa apresentam, em média, uma maior tendência a exercer agressões psicológicas para com os progenitores comparativamente aos que não relatam vivências de qualquer violência em casa, sendo que os rapazes têm uma maior tendência de exercer esta mesma forma de violência filiofamiliar para com as mães comparativamente às raparigas.

1. Violência Filiofamiliar, Sexo dos Jovens Agressores e Vivência de Violência no Seio Familiar

A literatura tem sido bastante discordante no que diz respeito às diferenças de género do jovem agressor na prática de violência filiofamiliar, existindo, por um lado, um conjunto de autores que indicam não existir diferenças significativas ao nível do Sexo

dos adolescentes envolvidos em atos de violência para com os seus pais (Agnew & Huguley, 1989; Cottrell, 2001; Marco, 2013; Pagani et al. , 2004; Ulman & Straus, 2003).

Contudo, por outro lado, a literatura demonstra apenas diferenças no sexo dos agressores no que diz respeito a perpetuação de agressões psicológicas que, de acordo com um grupo de autores, tendem a ser características das raparigas (Calvete et al., 2017; Calvete et al., 2011; Ulman & Straus, 2003; Ibabe, 2015) e, de acordo com Arcos e colaboradores (2016), características dos rapazes. E Cottrell e Monk (2004), bem como Ibabe e Jaureguizar (2011), verificaram que, comparativamente às raparigas, os rapazes tendem a exercer mais violência física para com os seus pais (Calvete et al., 2011).

Posto isto foi construída a primeira hipótese deste estudo, que terá sido rejeitada, uma vez que os resultados indicam apenas uma maior ocorrência de agressões psicológicas para com a mãe por parte dos rapazes, comparativamente às raparigas. Ou seja, contrariamente à informação de parte da literatura existe de facto diferenças entre o género dos adolescentes envolvidos em violência filio-parental e os resultados deste estudo vão de acordo a Arcos e colaboradores (2016).

Tal poderá dever-se ao facto de o comportamento agressivo nos rapazes ser influenciado por processos de socialização, em que aprendem a exercer poder sobre a mulher, sendo que a possessão de tal poder sobre as suas mães leva os rapazes a recorrerem a táticas de intimidação e controlo relacionadas com condutas de exercício de violência maioritariamente psicológica para obterem os seus objetivos (Cottrell & Monk, 2004). Para além disso, os rapazes que testemunharam violência psicológica do seu pai contra a sua mãe poderão, tendo por base à teoria de aprendizagem social, passar a exercer o tipo de violência que observaram, seguindo modelo de ação da figura parental do mesmo sexo.

Analisando agora a segunda hipótese foi ainda possível comprovar o modo como a vivência de violência no seio familiar influencia os níveis posteriores de violência filio-parental contra ambos os progenitores. Contudo, a hipótese apenas foi parcialmente verificada, uma vez que apenas os jovens vítimas diretas de violência nas suas próprias casas é que tendem a demonstrar mais comportamentos de violência contra os progenitores, sendo esse resultado apenas significativo no que diz respeito a formas de violência psicológica, o que poderá dever-se ao facto de verificarmos na amostra níveis muito baixos de violência física, sendo que, tal como é possível verificar na literatura, a

prevalência de agressões psicológicas para com os pais é maior do que a prevalência de agressões físicas (e.g., Arcos et al., 2016; Calvete et al., 2011; Calvete et al., 2014; Calvete et al., 2017).

A literatura têm-se debruçado imenso sobre a bidirecionalidade da violência filio-parental encontrando relações não só entre a vivência direta de violência em casa, mas também entre a vivência indireta, isto é, entre o testemunho de violência e a execução posterior de violência filio-parental (e.g., Boxer, Gullan & Mahoney, 2009; Coogan, 2011; Gámez-Guadix & Calvete, 2012; Ibabe & Jaureguizar, 2011; Rojas-Solís, Vázquez-Aramburu & Llamazares-Rojo, 2016). Embora os resultados deste estudo não indiquem uma relação direta entre o testemunho de violência em casa e condutas agressivas posteriores dos filhos para os pais vão de encontro aos dados obtidos por Calvete e colaboradores (2014), que demonstraram que a violência filio-parental psicológica apenas está correlacionada com a ocorrência de formas de vitimização direta, sem qualquer relação com a vitimização indireta dos filhos.

Além disso, Cottrell e Monk (2004) verificaram que existia uma relação entre o tipo de violência exercida pelos pais contra os filhos (i.e., física ou psicológica) e o tipo de violência consequentemente exercida pelos filhos contra os pais, o que sugere que a maioria dos adolescentes da amostra presente neste estudo terão sido vítimas de violência psicológica por parte dos seus pais, à semelhança do que foi verificado noutros estudos onde existiu uma maior prevalência de violência psicológica e emocional de entre os restantes tipos de violência exercidos durante a infância (Garbin, Queiroz, Rovida & Saliba, 2012; Tourigny, Hébert, Joly, Cyr e Baril, 2008).

De acordo com a teoria da aprendizagem social, as crianças vítimas de violência, neste caso maioritariamente psicológica, aprendam a utilizá-la e, sobretudo, a considerá-la um meio adequado de resolução de problemas (Calvete et al., 2011; Cottrell, 2001; Cottrell & Monk, 2004; Edleson, 1999), recorrendo posteriormente a táticas de resolução de conflitos semelhantes às dos seus pais (Browne & Hamilton, 1998; Ibabe et al., 2009).

2. Violência Filio-parental e os Estilos Parentais

Os resultados obtidos neste estudo demonstram: (a) a relação entre estilos parentais autoritários e permissivos da figura materna e a violência filio-parental psicológica para com ambos os progenitores; e (b) a relação entre estilos parentais

autoritários da figura materna e a violência filiofamiliar física para com a figura paterna. Neste sentido, estilos parentais autoritativos/participativos tanto da mãe como do pai, bem como estilos parentais autoritários e permissivos exercidos pelas figuras paternas, parecem não estar relacionados com a probabilidade de surgirem comportamentos violentos por parte dos adolescentes contra os seus progenitores, tendo-se rejeitado a quarta hipótese e comprovado parcialmente a terceira.

Embora a conceção de mulher e homem e o lugar que cada um deles ocupa na sociedade contemporânea já seja encarado de forma diferente, o lugar que o pai e a mãe ocupam dentro sistema familiar continua a ser percebido de um modo distinto e, neste sentido, as relações entre pais-filhos(as) e mães-filhos(as) tornam-se também distintas (Borsa & Nunes, 2011; Silva & Piccinini, 2007). As mães tendem a envolver-se mais ao nível do trabalho doméstico e da prestação de cuidados, existindo ainda a crença de que a relação mãe-filho(a) é básica, universal e tem uma maior importância para o desenvolvimento saudável da criança do que a relação pai-filho(a) (Borsa & Nunes, 2011; Wagner, Predebon, Mosmann & Verza, 2005).

Os dados deste estudo realçam exatamente essa ideia, sugerindo a interação mãe-filho como essencial para a criação, por parte da criança, de uma imagem de si própria, dos outros e do mundo que a rodeia. É de salientar que para tal é necessário a construção, por parte da mãe, de um ambiente de afeto e proteção (Oliveira, Siqueira & Zandonadi, 2017), que não é possível ao recorrer a estilos parentais permissivos e autoritários que estão associados a uma maior probabilidade de ocorrência de comportamentos violentos posteriores por parte dos filhos contra os seus pais.

É de notar que o facto de não se terem verificado associações negativas entre estilos parentais autoritativos/participativos e a violência filiofamiliar poderá dever-se a um maior relato da exibição deste estilo por parte dos pais, até mesmo por desejabilidade social, quando na realidade não é o percebido pelos adolescentes.

3. Violência Filiofamiliar e Funcionamento Familiar Desequilibrado

Ao analisar a quinta hipótese deste estudo constatamos que a violência filiofamiliar apenas está correlacionada com níveis extremos de flexibilidade familiar e não de coesão, conduzindo à rejeição da mesma e indicando que a probabilidade de ocorrência de agressões por parte dos jovens contra os seus progenitores não está

associada ao modo como a família balança as questões de individualização *versus* união, mas sim a forma como balança as questões de estabilidade *versus* mudança e cria regras e limites.

Assim, em primeiro lugar, os sistemas familiares com níveis *caóticos*, caracterizados pela existência de uma liderança errática, que toma decisões maioritariamente impulsivas e pouco elaboradas, e por papéis e regras pouco claras, constantemente em mudança (Olson, 2011) poderão estar associados a contextos de violência filio-parental em que há um desequilíbrio na distribuição do poder dentro do seio familiar e a inversão de papéis entre pais e filhos (Cottrell, 2001; Estévez e Góngora, 2009). Como os jovens não estão preparados e não conseguem lidar com todas estas novas responsabilidades acabam por reagir de um modo violento e agressivo (Bobic, 2004), sendo que compreendem que os benefícios decorrentes dos seus comportamentos agressivos superam as consequências (Cottrell & Monk, 2004; Kennair & Mellor, 2007; Marco, 2013).

É de notar que neste estudo apenas se verificou a associação com estes níveis de flexibilidade caóticos e a ocorrência de agressões psicológicas para com a figura materna, o que poderá dever-se ao facto de estas tenderem a ser as principais cuidadoras, tendo mais interações e passando mais tempo com os seus filhos, aumento, assim, a exposição a possíveis experiências de violência (Aroca-Montolío, Lorenzo-Moledo & Miró-Pérez, 2014; Brito, Zanetta, Mendonça, Barison & Andrade, 2005; Coogan, 2011; Ibabe & Jaureguizar, 2011; Ibabe et al., 2009; Routt & Anderson, 2011), que na maioria dos casos são psicológicas (Ibabe, 2015; Arcos et al., 2016).

Em segundo lugar, nos sistemas familiares com níveis de flexibilidade *rígidos* todas as decisões são tomadas e impostas pelo líder com pouca ou nenhuma negociação, definindo-se regras e funções claras sem qualquer possibilidade de mudança (Olson, 2011), restringindo claramente a procura de autonomia e independência do jovem que recorre à violência para obtenção de controlo (Baumrind, 1978; Bobic, 2004; Cottrell & Monk, 2004; Estévez & Góngora, 2009; Paulson et al., 1990; Peek et al., 1985).

Neste estudo apenas se verificou a associação entre estes níveis baixos de flexibilidade familiar e a ocorrência de agressões físicas para com a figura paterna, uma vez que, possivelmente, esta será a figura parental que na maior parte das vezes assume

a liderança nestes contextos familiares, desempenhando, conseqüentemente, um papel disciplinador e criando as regras e normas que as crianças e jovens devem obedecer. O que conduz a um maior risco de criação de ressentimentos futuros e aumento da probabilidade de violência filio-parental direcionada contra o mesmo, sendo que a mãe, como já foi referido anteriormente, dedica-se mais a ao trabalho doméstico e a prestação de cuidados.

Além disso, de acordo com Cottrell e Monk (2004), os jovens envolvidos em atos de violência filio-parental que detém pouco poder sobre os pais e controlo sobre o ambiente tendem a recorrer a agressões de carácter mais físico do que psicológico para obterem os seus objetivos, o que poderá explicar a correlação verificada neste estudo ao nível das agressões físicas para com os pais em sistemas familiares percecionados como rígidos.

4. Violência Filio-parental, Estilos Parentais e Funcionamento Familiar Desequilibrado

Para terminar foi, ainda, formulada um questão de investigação com o objetivo de explorar a relação entre as três principais variáveis em estudo, isto é, a violência filio-parental (física e psicológica), o funcionamento familiar, neste caso desequilibrado com níveis muito altos e muito baixos de flexibilidade (respetivamente, sistemas familiares caóticos e rígidos) e com níveis muito altos e muito baixos de coesão (respetivamente, sistemas familiares aglutinadas e desagregados), e os estilos parentais autoritários e permissivos, considerados mais prejudiciais para o desenvolvimento da criança, colmatando, desta forma, a falha que existe na literatura acerca desta temática.

Até ao momento a literatura tem estudado a relação entre duas destas variáveis, nomeadamente, a relação entre a violência filio-parental e os estilos parentais (e.g., Bertino et al., 2011; Cottrell, 2001; Cottrell & Monk, 2004; García & Alberola, 2010; Estévez & Góngora, 2009) e a violência filio-parental e o funcionamento familiar (e.g., Bobic, 2002; Bobic, 2004; Cottrell, 2001; Cottrell & Monk, 2004; Kennair & Mellor, 2007; Marco, 2013), debruçando-se muito pouco sobre a relação entre as três variáveis.

Posto isto, ao analisarmos os dados proveniente deste estudo verificamos que as agressões psicológicas contra as mães podem ser explicadas tanto por estilos parentais permissivo das mesmas como por sistemas familiares reportados como caóticos pelos

jovens, sendo que contrariamente ao hipotetizado os estilos parentais permissivos não demonstraram um maior impacto do que sistemas familiares caóticos nos níveis de violência filio-parental.

Aliás, os resultados parecem indicar um impacto semelhante, sugerindo que contextos familiares onde existe extrema permissividade e falta de limites e regras (i.e., sistemas familiares caóticos) refletem-se em estilos parentais permissivos em que os pais concedem total autonomia aos seus filhos sem quaisquer exigências nem padrões de conduta (Baumrind, 1966), aumentando ainda mais a probabilidade de surgirem comportamentos violentos para com os progenitores.

Além disso, agressões físicas contra os pais podem ser explicadas tanto por estilos parentais autoritários das mães como por sistemas familiares reportados como rígidos pelos jovens, sendo que este estilo parental têm um maior impacto nas referidas agressões do que os sistemas familiares rígidos, indo de encontro a questão de investigação elaborada e sugerindo que os sistemas familiares com níveis baixos de flexibilidade poderiam ser consequência de estilos parentais autoritários caracterizados por excessivo controlo parental e que conduzem à restrição da independência dos jovens

4. Considerações Finais, Limitações e Propostas para Estudos Futuros

A violência filio-parental, tal como já foi referido, ganhou apenas um maior reconhecimento posteriormente, permanecendo, na maioria dos casos, em segredo (Agnew & Huguley, 1989; Bobic, 2004; Cottrell, 2001; Cottrell & Monk, 2004; Kennair & Mellor, 2007; Paterson et al., 2002; Peek et al., 1985) por vergonha, sentimentos de culpa e medo ou receio de represálias decorrentes da denúncia por parte das vítimas, tornando-se imprescindível definir e explorar este fenómeno e tornando este estudo uma mais-valia.

O objetivo centrou-se na compreensão na relação entre o funcionamento familiar, a violência filio-parental e os estilos parentais, algo pouco abordado da literatura internacional e nacional e tornando igualmente este estudo bastante importante para perceber este grande fenómeno que é a violência filio-parental e a relação entre todas as variáveis supramencionadas, tendo sido possível perceber melhor o papel de variáveis familiares e a forma como essas mesmas variáveis se podem interligar e influenciar a violência filio-parental. É de salientar que este estudo também se terá revelado bastante

importante por demonstrar não só a percepção do próprio adolescente sobre o ambiente familiar, mas considerar também as percepções dos seus pais, apesar de amostra tanto de mães como de pais ser de pequena dimensão e não se ter conseguido incluir muitas tríades.

Desta forma, gostaria igualmente de apontar algumas das principais limitações deste estudo: (a) em primeiro lugar, o facto de amostra ser proveniente apenas de uma escola, não permitindo de todo a generalização dos resultados, sendo que era suposto abranger um maior intervalo de idades que permitiria uma melhor caracterização do fenómeno; e (b) em segundo lugar, as condições e o ambiente em que os instrumentos foram aplicados, na medida em que a aplicação em contexto de sala de aula junto de outros colegas pode influenciar as respostas dadas e traduzir-se em resultados não tão fidedignos como seria de esperar, não havendo também controlo sobre a influência dos filhos no preenchimento dos questionários dos pais.

Para além de que seria também importante conhecer as percepções dos filhos relativamente aos estilos parentais exercidos pelos pais, uma vez que muitas vezes as figuras parentais poderão realizar determinado comportamento ou ter determinada atitude para com os filhos com um objetivo que é interpretado de forma diferente pela criança e/ou jovem.

Em investigações futuras seria pertinente realizar um estudo semelhante em que fosse possível aceder a uma população mais específica em que os comportamentos desajustados e violentos sejam mais acentuados e constantes, a fim de verificar alterações nos valores registados, traduzindo uma realidade diferente da verificada neste estudo.

Referências Bibliográficas

- Agnew, R., & Huguley, S. (1989). Adolescent violence toward parents. *Journal of Marriage and the Family*, 51(3) 699-711.
- Alarcão, M. (2002). *(Des)equilíbrios familiares: uma visão sistémica*. (3ª Ed.) Coimbra: Quarteto Editora.
- APAV (2015). Folha informativa: Violência filio-parental [PDF]. Retirado de https://apav.pt/apav_v3/images/folhas_informativas/fi_violencia_filio-parental.pdf.
- Arcos, A. J. Á., Guajardo, R. E. S., & Moraga, S. M. E. (2016). Prevalencia de la violencia filio-parental en adolescentes de la ciudad de Osorno. *Pensamiento y Acción Interdisciplinaria*, 1(1), 59-74.
- Aroca – Montolío, C., Leonhardt, P. & Robles, J. (2012). Características de las familias que sufren violencia filio-parental: un estudio de revisión. *Educatio Siglo XXI*, 30(2), 231-254.
- Aroca-Montolío, C., Lorenzo-Moledo, M. & Miró-Pérez, C. (2014). La violencia filio-parental: un análisis de sus claves. *Anales de psicología*, 3(1): 157-170.
- Baumrind, D. (1966). Effects of authoritative parental control on child behavior. *Child development*, 887-907.
- Baumrind, D. (1978). Parental disciplinary patterns and social competence in children. *Youth & Society*, 9(3), 239-267.
- Beja, M. J. P. (2010). Adolescência: do indivíduo à família. *International Journal of Developmental and Educational Psychology*, 2(1), 733-742.
- Bertino, L., Calvete, E., Pereira, R., Orúe, I., Montes, Y., & González, Z. (2011). El prisma de la violencia filio-parental. Diferentes visiones de un mismo fenómeno. R. Pereira, Adolescentes en el Siglo XXI. *Entre impotencia, resiliencia y poder*, 361-384.
- Bobic, N. (2002). *Adolescent violence towards parents: Myths and realities*. Marrickville: Rosemount Youth & Family Services.

- Bobic, N. (2004). *Adolescent violence towards parents*. Australia: Australian Domestic & Family Violence Clearinghouse.
- Borsa, J. C., & Nunes, M. L. T. (2017). Aspectos psicossociais da parentalidade: O papel de homens e mulheres na família nuclear. *Psicologia Argumento*, 29(64), 31-39.
- Boxer, P., Gullan, R. & Mahoney, A. (2009). Adolescents' physical aggression toward parents in a clinical-referred sample. *Journal of Clinical Child and Adolescent Psychology*, 30(1), 106-116.
- Brezina, T. (1999). Teenage violence toward parents as an adaptation to family strain: Evidence from a national survey of male adolescents. *Youth & Society*, 30(4), 416-444.
- Brito, A. M. M., Zanetta, D. M. T., Mendonça, R. D. C. V., Barison, S. Z., & Andrade, V. A. (2005). Violência doméstica contra crianças e adolescentes: estudo de um programa de intervenção. *Ciência & Saúde Coletiva*, 10, 143-149.
- Bronte-Tinkew, J., Moore, K. A., & Carrano, J. (2006). The father-child relationship, parenting styles, and adolescent risk behaviors in intact families. *Journal of Family Issues*, 27(6), 850 – 881.
- Browne, K. D., & Hamilton, C. E. (1998). Physical violence between young adults and their parents: Associations with a history of child maltreatment. *Journal of family violence*, 13(1), 59-79.
- Calvete, E., Gámez-Guadix, M., & Orue, I. (2014). Características familiares asociadas a violencia filio-parental en adolescentes. *Anales de psicología*, 30(3), 1176-1182.
- Calvete, E., Orue, I. & Sampedro, R. (2011). Violencia filio-parental en la adolescencia: Características ambientales y personales. *Infancia y Aprendizaje*, 34(3), 349-363.
- Calvete, E., Orue, I., & González-Cabrera, J. (2017). Violencia filio parental: comparando lo que informan los adolescentes y sus progenitores. *Revista de Psicología Clínica con Niños y Adolescentes*, 4(1), 9-15.

- Carnut, L., & Faquim, J. P. S. (2014). Conceitos de família e a tipologia familiar: Aspectos teóricos para o trabalho da equipe de saúde bucal na estratégia de saúde da família. *JMPHC - Journal of Management & Primary Health Care*, 5(1), 62-70.
- Carter, B., & McGoldrick, M. (1995). As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar.
- Chang, L., Schwartz, D., Dodge, K. A., & McBride-Chang, C. (2003). Harsh parenting in relation to child emotion regulation and aggression. *Journal of family psychology*, 17(4), 598.
- Coogan, D. (2011). Child-to-parent violence: Challenging perspectives on family violence. *Child Care in Practice*, 17(4), 347-358.
- Cottrell, B. (2001). *Parent abuse: The abuse of parents by their teenage children*. Canada: The Family Violence Prevention Unit Health.
- Cottrell, B., & Monk, P. (2004). Adolescent-to-parent abuse: A qualitative overview of common themes. *Journal of family Issues*, 25(8), 1072-1095.
- Edleson, J. L. (1999). Problems associated with children's witnessing of domestic violence. Violence Against Women Online Resources.
- Estévez, E., & Góngora, J. N. (2009). Adolescent aggression towards parents: Factors associated and intervention proposals. In C. Quin & S. Tawse (Eds.), *Handbook of aggressive behavior research* (pp. 143-164). UK: Nova Science Publishers, Inc.
- Gallagher, E. (2004). Youth who victimise their parents. *Australian and New Zealand Journal of Family Therapy*, 25(2), 94-105.
- Gámez-Guadix, M. & Calvete, E. (2012). Violencia filio-parental y su asociación con la exposición a la violencia marital y la agresión de padres a hijos. *Psicothema*, 2(24), 277-283.
- Garbin, C. A. S., Queiroz, A. P. D. G., Rovida, T. A. S., & Saliba, O. (2012). A violência familiar sofrida na infância: uma investigação com adolescentes. *Psicologia em Revista*, 18(1), 107-118.

- García, A. L. C., & Alberola, C. R. (2010). Menores agresores en el ámbito familiar. Un estudio de casos. *Revista de Derecho Penal y Criminología*, 3, 353-375.
- Gershoff, E. T. (2002). Corporal punishment by parents and associated child behaviors and experiences: a meta-analytic and theoretical review. *Psychological bulletin*, 128(4), 539.
- Hong, J. S., Kral, M. J., Espelage, D. L., & Allen-Meares, P. (2012). The social ecology of adolescent-initiated parent abuse: A review of the literature. *Child Psychiatry & Human Development*, 43(3), 431-454.
- Humphreys, C., & Mullender, A. (2004). *Children and domestic violence: A research overview of the impact on children*. UK: Research in Practice.
- Ibabe, I. & Jaureguizar, J. (2011). ¿Hasta qué punto la violencia filio-parental es bidireccional?. *Anales de Psicología*, 2(27), 265-277.
- Ibabe, I. (2015). Predictores familiares de la violencia filio-parental: El papel de la disciplina familiar. *Anales de Psicología*, 31(2), 615-625.
- Ibabe, I., Jaureguizar, J., & Díaz, O. (2009). Adolescent violence against parents. Is it a consequence of gender inequality?. *The European Journal of Psychology Applied to Legal Context*, 1(1), 3-24.
- Justo, A. R., Carvalho, J. C. N., & Kristensen, C. H. (2014). Desenvolvimento da empatia em crianças: A influência dos estilos parentais. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 15(2), 510-523.
- Kennair, N., & Mellor, D. (2007). Parent abuse: a review. *Child psychiatry and human development*, 38(3), 203.
- Kethineni, S. (2004). Youth-on-parent violence in a central Illinois county. *Youth violence and juvenile justice*, 2(4), 374-394.
- Maccoby, E. & Martin, J. (1983). Socialization in the context of the family: Parent-child interaction. In E. M. Hetherington, P. H. Mussen (Eds.), *Handbook of child psychology: Socialization, personality, and social development* (4^a ed., pp. 1-101). New York: Wiley.

- Marco, M. C. F. (2013). La violencia filio-parental: cuando los hijos dominan a los padres. In A. C. Vañó (Ed.), *Inteligencia emocional aplicada a las dificultades de aprendizaje - Experiencias positivas de intervención educativa y superación* (pp.138-149). España: GENERALITAT VALENCIANA.
- Martínez, S. L., López, E. E., & Crespo, J. L. C. (2013). Factores individuales y familiares de riesgo en casos de violencia filio-parental. *Documentos de trabajo social: Revista de trabajo y acción social*, 52, 239-254.
- McCloskey, L. A., & Lichter, E. L. (2003). The contribution of marital violence to adolescent aggression across different relationships. *Journal of interpersonal violence*, 18(4), 390-412.
- Meredith, W. H., Abbott, D. A., & Adams, S. L. (1986). Family violence: Its relation to marital and parental satisfaction and family strengths. *Journal of Family Violence*, 1(4), 299-305.
- Miguel, I., Valentim, J. P., & Carugati, F. (2009). Questionário de Estilos e Dimensões Parentais–Versão Reduzida: Adaptação portuguesa do Parenting Styles and Dimensions Questionnaire–Short Form. *Psychologica*, 51, 169-188.
- Mota, C. P., & Pinheiro, M. (2018). Estilos parentais, bullying e o papel mediador da sintomatologia psicopatológica em adolescentes e jovens adultos. *Psicologia*, 32(2), 41-55.
- Mota, C. P., & Rocha, M. (2012). Adolescência e jovem adultícia: Crescimento pessoal, separação-indivuação e o jogo das relações. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 28(3), 357-366.
- Oliveira, M. E., Siqueira, A. C., & Zandonadi, A. C. (2017). A importância do afeto materno através do toque para o desenvolvimento saudável da criança. *Revista FAROL*, 3(3), 97-110.
- Olson, D. (2011). FACES IV and the circumplex model: validation study. *Journal of Marital & Family Therapy*, 3, 64-80.

- Pagani, L. S., Tremblay, R. E., Nagin, D., Zoccolillo, M., Vitaro, F., & McDuff, P. (2004). Risk factor models for adolescent verbal and physical aggression toward mothers. *International journal of behavioral development, 28*(6), 528-537.
- Paterson, R., Luntz, H., Perlesz, A., & Cotton, S. (2002). Adolescent violence towards parents: Maintaining family connections when the going gets tough. *Australian and New Zealand Journal of Family Therapy, 23*(2), 90-100.
- Paulson, M. J., Coombs, R. H., & Landsverk, J. (1990). Youth who physically assault their parents. *Journal of family violence, 5*(2), 121-133.
- Peek, C. W., Fischer, J. L., & Kidwell, J. S. (1985). Teenage violence toward parents: A neglected dimension of family violence. *Journal of Marriage and the Family, 1051-1058*.
- Rios, J. B. S., Ferreira, D. F., & Batista, E. C. (2016). Práticas Educativas e Estilos Parentais: uma Revisão Bibliográfica da Literatura Brasileira. *Revista Uniabeu, 9*(21), 17-31.
- Rojas-Solís, J. L., Vázquez-Aramburu, G., & Llamazares-Rojo, J. A. (2016). Violencia filio-parental: una revisión de un fenómeno emergente en la investigación psicológica. *Ajayu Órgano de Difusión Científica del Departamento de Psicología UCBS, 14*(1), 140-161.
- Routt, G., & Anderson, L. (2011). Adolescent violence towards parents. *Journal of Aggression, Maltreatment & Trauma, 20*(1), 1-19.
- Salvador, A. P. V., & Weber, L. N. D. (2005). Práticas educativas parentais: Um estudo comparativo da interação familiar de dois adolescentes distintos. *Interação em Psicologia, 9*(2), 341-353.
- Sampaio, D. & Gameiro, J. (1985). *Terapia Familiar*. Porto: Edições Afrontamento.
- Silva, M. R., & Piccinini, C. A. (2007). Sentimentos sobre a paternidade e o envolvimento paterno: Um estudo qualitativo. *Estudos de Psicologia, 24*(4), 561-573.

- Sotero, L., Pereira, R., & Relvas, A. P. (2018). ¿Cómo tratar la VFP? Del secreto y de la vergüenza, a la creación de una demanda común en la terapia. *Mosaico: Journal of the Spanish Federation of Family Therapy Associations*, 69, 89-103.
- Straus, M. A. (2001). *Prevention and control of aggression and the impact on its victims*. Boston: Springer.
- Teixeira, M. A. P., & de Melo Lopes, F. M. (2005). Relações entre estilos parentais e valores humanos: Um estudo exploratório com estudantes universitários. *Aletheia*, 22, 51-62.
- Tourigny, M., Hébert, M., Joly, J., Cyr, M., & Baril, K. (2008). Prevalence and co-occurrence of violence against children in the Quebec population. *Australian and New Zealand Journal of Public Health*, 32(4), 331-335.
- Ulman, A. & Straus, M. A. (2003). Violence by children against mothers in relation to violence between parents and corporal punishment by parents. *Journal of Comparative Family Studies*, 34, 41-60.
- Wagner, A., Predebon, J., Mosmann, C., & Verza, F. (2005). Compartilhar tarefas? Papéis e funções de pai e mãe na família contemporânea. *Psicologia Teoria e Pesquisa*, 21(2), 181-186.
- Weber, L. N. D., Prado, P. M., Viezzer, A. P., & Brandenburg, O. J. (2004). Identificação de estilos parentais: o ponto de vista dos pais e dos filhos. *Psicologia: reflexão e crítica*, 17(3), 323-331.

Anexos

Anexo A – Autorização para a Escola



___/___/___

Ao Exmo. Sr(a) Diretor(a) do Agrupamento de Escolas

No âmbito da Dissertação de Mestrado Integrado em Psicologia, na área de especialização em Psicologia Clínica do 5º ano, do Instituto Universitário das Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida (ISPA-IU), eu, Catarina Isabel Neves dos Santos (aluna nº 25928), venho por este meio solicitar a vossa autorização para a aplicação de questionários, com duração de, aproximadamente 15/20 minutos, aos vossos alunos, de terceiro ciclo e secundário (idades entre os 12 e os 18 anos) e aos respetivos pais e encarregados de educação, cujo objetivo é compreender a influência do funcionamento familiar na vida e na violência familiar.

Neste sentido, para efeitos de recolhas de dados, gostaria de solicitar a vossa autorização, bem como a vossa colaboração, para a aplicação dos referidos questionários em contextos de sala de aula e de forma a facilitar a passagem dos mesmos para os respetivos pais e encarregados de educação. É de salientar que esta participação será voluntária, os participantes poderão desistir a qualquer momento do preenchimento dos questionários, e os dados recolhidos serão anónimos e confidenciais, pelo que serão usados exclusivamente para o referido estudo, respeitando os princípios do Código Deontológico da Ordem dos Psicólogos Portugueses.

Face ao acima descrito, disponibilizo-me desde já a reunir prontamente com V. Excelências, no sentido de promover uma relação benéfica para ambas as partes. Para mais esclarecimentos e informações adicionais, poderão entrar em contacto através do endereço de email: catarisabel@hotmail.com.

Caso seja do vosso interesse, terei todo o gosto em disponibilizar o estudo final e apresentar a comunidade escolar os resultados verificados.

Declaro ter conhecimento dos objetivos e procedimentos deste estudo, e, assim sendo, autorizo a aplicação dos questionários nesta instituição:

[Assinatura(s)]

Agradeço a atenção e disponibilidade.

Com os melhores cumprimentos,

(Catarina Santos)

Anexo B – Autorização para os Encarregados de Educação

Caros Encarregados de Educação,

No âmbito da Dissertação de Mestrado realizada no ISPA, a aluna Catarina Isabel Neves dos Santos do 5º ano do Mestrado Integrado em Psicologia Clínica, orientada pela Profª. Dra. Maria Gouveia-Pereira vem por este meio convidar o seu educando a participar nesta mesma investigação. A dissertação de mestrado tem como objetivo estudar a influência do funcionamento familiar na vida do adolescente e da família.

Esta investigação não acarreta quaisquer recompensas ou custos para quem nela participar, nem traz qualquer tipo de riscos físicos e psicológicos. A sua participação é voluntária, anónima e gratuita, tendo uma duração de aproximadamente 10/15 minutos. A integridade e identidade dos participantes é completamente anónima e o investigador obedecerá ao sigilo profissional, sendo os dados recolhidos utilizados exclusivamente para a presente investigação.

Pode autorizar a participação do seu educando nesta investigação através da assinatura de autorização que se segue.

.....

Eu, _____ Encarregado de Educação do(a) aluno(a) _____, nº _____ turma _____, autorizo o meu educando a participar na investigação sobre estudar o influência do funcionamento familiar na vida do adolescente e da família, realizada por Catarina Santos, aluna de 5º ano do Mestrado Integrado em Psicologia Clínica, no ISPA-IU. Declaro que fui informado sobre os objetivos e procedimentos a serem garantidos, assim como a confidencialidade e anonimato da presente investigação.

_____ Data ____/____/____

Assinatura do Encarregado de Educação

_____ Data ____/____/____

Assinatura do(a) investigador(a)

***Nota: Preencher, cortar pelo picotado e entregar ao professor responsável.**

Anexo C – Questionário preenchido pelos Adolescentes



ISPA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

Convido-te a participar neste estudo, através do preenchimento de um questionário que irás encontrar nas páginas seguintes, de duração aproximada de 15/20 minutos, não existindo respostas certas ou erradas e pedindo apenas que sejas o mais sincero possível.

A tua participação é de elevada importância para que se possa conhecer de forma objetiva e abrangente a relação entre a existência de variáveis familiares e o aparecimento de variáveis individuais na adolescência.

Neste sentido, o estudo tem como objetivo analisar a influência do funcionamento familiar na vida da família e na vida dos adolescentes para uma tese de mestrado no ISPA - Instituto Universitário das Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida. Os dados obtidos são **completamente anónimos e confidenciais**, sendo a tua participação voluntária.

Aceitas participar neste estudo?

SIM __ NÃO __

Gostaria agora que pensasses na tua família (com quem vives). Já pensaste?

Escolhe (assinalando com um **X**) a opção para cada afirmação que melhor corresponde ao que acontece na tua família.

	1. Discordo Fortemente	2. Discordo	3. Não Concordo nem Discordo	4. Concordo	5. Concordo Fortemente
Os membros da minha família estão envolvidos nas vidas uns dos outros.					
A minha família tenta novas formas de lidar com os problemas.					
Nós damo-nos melhor com pessoas de fora da nossa família do que com as de dentro.					
Nós passamos “demasiado” tempo juntos.					
Na nossa família, há consequências rigorosas para quem quebra as regras.					
Na nossa família, parece que nunca nos conseguimos organizar.					
Os membros da minha família sentem-se muito próximos uns dos outros.					
Os pais partilham a liderança na nossa família.					
Os membros da minha família parecem evitar o contacto uns com os outros quando estão em casa.					
Os membros da minha família sentem-se pressionados a passarem juntos a maior parte do seu tempo livre.					
Existem consequências claras quando um membro da minha família faz alguma coisa errada.					
É difícil saber quem é o líder da nossa família.					

	1. Discordo Fortemente	2. Discordo	3. Não Concordo nem Discordo	4. Concordo	5. Concordo Fortemente
Na nossa família a disciplina/regras são justas.					
Os membros da minha família sabem muito pouco acerca dos amigos dos outros membros da família.					
Os membros da minha família são demasiado dependentes uns dos outros.					
Na nossa família há uma regra para quase todas as situações.					
Na nossa família as coisas (tarefas/atividades) não são feitas.					
Os membros da minha família consultam/conversam com os outros membros da família sobre decisões importantes.					
Quando necessário, a minha família é capaz de se ajustar à mudança.					
Os membros da minha família “estão por sua conta” quando existe um problema para resolver.					
Os membros da minha família têm pouca necessidade de ter amigos fora da família.					
A nossa família é extremamente organizada.					
Não é claro quem é o responsável por coisas (tarefas, atividades) na nossa família.					
Os membros da minha família gostam de passar algum do seu tempo livre uns com os outros.					
Na minha família, passamos as responsabilidades domésticas de pessoa para pessoa.					
A minha família raramente faz coisas/atividades em conjunto.					
Na minha família sentimo-nos demasiado ligados uns aos outros.					
A nossa família fica frustrada quando há uma alteração nos nossos planos ou rotinas.					

	1. Discordo Fortemente	2. Discordo	3. Não Concordo nem Discordo	4. Concordo	5. Concordo Fortemente
Apesar de os membros da minha família terem interesses individuais, ainda assim participam em atividades familiares.					
Na nossa família temos regras e papéis claros.					
Os membros da minha família raramente dependem uns dos outros.					
Nós ressentimo-nos quando os membros da família fazem coisas fora da família.					
É importante seguir as regras na nossa família.					
A minha família tem dificuldade em saber quem faz as diferentes tarefas domésticas.					
A nossa família tem um bom equilíbrio entre separação e proximidade, entre uns e outros.					
Quando surgem problemas, nós estabelecemos compromissos.					
Os membros da família funcionam, principalmente, de forma independente.					
Os membros da família sentem-se culpados se quiserem passar o seu tempo longe da família.					
Quando uma decisão é tomada, é muito difícil modificá-la.					
A nossa família sente-se sobre pressão e desorganizada.					
Os membros da minha família estão satisfeitos com a forma como comunicam uns com os outros.					
Os membros da minha família são muito bons ouvintes.					
Os membros da minha família expressam afetos uns pelos outros.					

Os membros da minha família são capazes de pedir uns aos outros o que querem.					
Os membros da minha família podem calmamente discutir os problemas uns com os outros.					
Os membros da minha família discutem as suas ideias e crenças uns com os outros.					
Quando os membros da minha família fazem perguntas uns sobre os outros, obtêm respostas honestas.					
Os membros da minha família tentam compreender os sentimentos uns dos outros.					
Quando zangados, os membros da minha família raramente referem aspetos negativos acerca uns dos outros.					
Os membros da minha família expressam os seus verdadeiros sentimentos uns aos outros.					

Quão satisfeito está com:	1. Muito Descontente	2. Um tanto Descontente	3. Geralmente Satisfeito	4. Muito Satisfeito	5. Extremamente Satisfeito
O grau de proximidade entre os membros da família.					
A capacidade da minha família para lidar com o <i>stress</i> .					
A capacidade da minha família para se adaptar.					
A capacidade da minha família para partilhar experiências positivas.					
A qualidade da comunicação entre os membros da minha família.					
A capacidade da minha família para resolver conflitos.					

A quantidade de tempo que passam juntos como família.					
A forma como os problemas são discutidos.					
A justiça das críticas feitas na nossa família.					
A preocupação dos membros da minha família uns com os outros.					

Acabaste de responder a um conjunto de afirmações sobre a tua família, gostaria de saber quem foram os principais familiares em que pensaste.

De seguida irás encontrar algumas afirmações que têm a ver com as relações entre filhos e pais. De acordo com a relação que tens com a tua mãe e o teu pai, e pensando no último ano coloca um **X** no número que corresponde à tua experiência e de acordo com a seguinte escala:

Legenda:

0 = Nunca (isto **nunca aconteceu** na minha relação com a minha mãe ou pai); **1 = Raramente** (isto aconteceu **apenas 1 ou 2 vezes**); **2 = Algumas vezes** (isto aconteceu **entre 3 a 5 vezes**) e **3 = Frequentemente** (isto aconteceu **6 ou mais vezes**).

	A tua mãe				O teu pai		
Gritaste com a tua mãe/pai quando estavas zangado.	0	1	2	3	0	1	2
Ameaçaste bater na tua mãe/pai, embora não o tenhas feito.	0	1	2	3	0	1	2
Empurraste ou bateste na tua mãe/pai numa discussão.	0	1	2	3	0	1	2
Bateste na tua mãe/pai com algo que a/o pudesse magoar.	0	1	2	3	0	1	2
Deste uma bofetada ou bateste na tua mãe/pai.	0	1	2	3	0	1	2
Deste pontapés ou murros à tua mãe/pai.	0	1	2	3	0	1	2
Fizeste chantagem ou manipulaste a tua mãe/pai para conseguires o que querias.	0	1	2	3	0	1	2
Insultaste ou ofendeste a tua mãe/pai.	0	1	2	3	0	1	2
Tiraste dinheiro à tua mãe/pai sem a sua permissão.	0	1	2	3	0	1	2
Fizeste algo que aborrecesse a tua mãe/pai.	0	1	2	3	0	1	2
Desobedeceste a um pedido da tua mãe/pai que fosse importante para ela/ele.	0	1	2	3	0	1	2

Se indicaste que **insultaste ou fizeste alguma coisa para aborrecer** a tua mãe ou pai numa das perguntas anteriores, apresenta, por favor, razões para o teres feito.

Se indicaste que **bateste** na tua mãe ou pai numa das perguntas anteriores, apresenta, por favor, razões para o teres feito.

Agora para terminar e te conhecer um pouco melhor, peço-te que respondas às questões que se seguem, de acordo com a tua família.

Idade: _____

Sexo:

- Feminino
 Masculino

Nacionalidade: _____

Ano de Escolaridade:

- 8º Ano
 9º Ano
 10º Ano
 11º Ano
 12º Ano
Outro. Qual? _____

Já reprovaste?

- Não Sim (Quantas vezes? ____)

Com quem vives?

- Pais
 Pais e Irmãos
 Só com um dos progenitores. Qual? _____
 Uma semana com um progenitor, outra semana com o outro
 Avós
Outros. Quem? _____

Tens irmãos?

- Não Sim Quantos? _____ Idades? _____

És o irmão:

- Mais novo
 Mais velho
 Do meio
 Gémeo

Contando contigo, quantas pessoas vivem na tua casa? _____

Os seus pais estão:

- Juntos Divorciados

Se na questão anterior respondeste que os teus pais estão divorciados, **como é que o tempo é dividido entre a tua mãe e o teu pai?**

Como é que a divisão do tempo entre os teus pais é vivida por ti?

- Muito Bem
- Bem
- Mais ou Menos
- Mal
- Muito Mal

Como é que a separação foi vivida por ti?

- Muito Bem
- Bem
- Mais ou Menos
- Mal
- Muito Mal

Alguma vez testemunhaste algum tipo de violência (i.e. bater, empurrar, insultar, humilhar, chantagear, etc) na tua casa?

- Sim Não

Se **SIM** indica entre quem foi essa violência, e que tipo de violência foi.

Desde quando é que testemunhas violência em tua casa?

Com que frequência é que és testemunha de violência em tua casa?

- 1 vez por mês ou menos _____
- 1 ou 2 vezes por semana _____
- Todos os dias _____
- Nunca

Se foste testemunha de **MAIS DO QUE UM TIPO DE VIOLÊNCIA**, indica a frequência com que testemunhaste todos os tipos, ilustrando ao lado a qual te referes.

Alguma vez foste vítima de algum tipo de violência na tua casa?

- Sim Não

Se **SIM** indica de quem foste vítima, e que tipo de violência sofreste.

Desde quando é que sofres violência em tua casa?

Com que frequência é que és vítima de violência em tua casa?

- 1 vez por mês ou menos
 1 ou 2 vezes por semana
 Todos os dias
 Nunca

Sabes se o teu pai ou a tua mãe foram alguma vez vítimas de violência durante a sua infância ou adolescência?

Sim Não

Se **SIM**, indica entre quem em que foi essa violência e que tipo de violência é que sofreram?

Tens/já tiveste algum tipo de doença ou problema psicológico?

Sim Não

Se **SIM**, já pediste ajuda a um profissional de saúde?

A Quem? _____

Obrigado pela tua participação!

Se achares que precisas de falar com alguém sobre algum dos comportamentos apresentados anteriormente ou sobre outro assunto que te preocupe, podes usar os seguintes números:

SOS Voz Amiga (todos os dias das 16h às 24h)

21 354 45 45

91 280 26 69

96 352 46 60

Telefone da Amizade (todos os dias das 16h às 23h)

22 832 35 35

808 22 33 53

Anexo C – Questionário preenchido pelos Pais

No âmbito da realização de um Mestrado em Psicologia Clínica, sob a orientação da Prof(a). Doutora Maria Gouveia-Pereira, do ISPA – Instituto Universitário, estou a levar a cabo um estudo sobre o influência do funcionamento familiar na vida da família e na vida do adolescente, e para tal pensamos que é muito importante sabermos o que pensam os adolescentes/jovens e respetivos pais.

Sobre esta temática a literatura científica quase nunca refere a perspetiva dos pais e para nós a sua opinião é muito importante. Assim, pedimos-lhe que responda a este questionário que demorará cerca de 15/20 minutos.

Agradecemos-lhe que responda sozinho(a) sem a colaboração de qualquer outra pessoa. Interessa-nos a sua opinião e apenas a sua.
O questionário é completamente anónimo e confidencial.

Com os meus melhores cumprimentos,

(Catarina Santos)

Primeiramente, **gostaria que pensasse na sua família**, assinalando com um **X** a opção para cada afirmação que melhor corresponde ao que acontece na mesma.

	1. Discordo Fortemente	2. Discordo	3. Não Concordo nem Discordo	4. Concordo	5. Concordo Fortemente
Os membros da minha família estão envolvidos nas vidas uns dos outros.					
A minha família tenta novas formas de lidar com os problemas.					
Nós damos-nos melhor com pessoas de fora da nossa família do que com as de dentro.					
Nós passamos “demasiado” tempo juntos.					
Na nossa família, há consequências rigorosas para quem quebra as regras.					
Na nossa família, parece que nunca nos conseguimos organizar.					
Os membros da minha família sentem-se muito próximos uns dos outros.					
Os pais partilham a liderança na nossa família.					
Os membros da minha família parecem evitar o contacto uns com os outros quando estão em casa.					
Os membros da minha família sentem-se pressionados a passarem juntos a maior parte do seu tempo livre.					
Existem consequências claras quando um membro da minha família faz alguma coisa errada.					
É difícil saber quem é o líder da nossa família.					
Os membros da minha família apoiam-se uns aos outros durante tempos difíceis.					
Na nossa família a disciplina/regras são justas.					

	1. Discordo Fortemente	2. Discordo	3. Não Concordo nem Discordo	4. Concordo	5. Concordo Fortemente
Os membros da minha família são demasiado dependentes uns dos outros.					
Na nossa família há uma regra para quase todas as situações.					
Na nossa família as coisas (tarefas/atividades) não são feitas.					
Os membros da minha família consultam/conversam com os outros membros da família sobre decisões importantes.					
Quando necessário, a minha família é capaz de se ajustar à mudança.					
Os membros da minha família “estão por sua conta” quando existe um problema para resolver.					
Os membros da minha família têm pouca necessidade de ter amigos fora da família.					
A nossa família é extremamente organizada.					
Não é claro quem é o responsável por coisas (tarefas, atividades) na nossa família.					
Os membros da minha família gostam de passar algum do seu tempo livre uns com os outros.					
Na minha família, passamos as responsabilidades domésticas de pessoa para pessoa.					
A minha família raramente faz coisas/atividades em conjunto.					
Na minha família sentimo-nos demasiado ligados uns aos outros.					
A nossa família fica frustrada quando há uma alteração nos nossos planos ou rotinas.					
Não existe liderança na nossa família.					
Apesar de os membros da minha família terem interesses individuais, ainda assim participam em atividades familiares.					

	1. Discordo Fortemente	2. Discordo	3. Não Concordo nem Discordo	4. Concordo	5. Concordo Fortemente
Os membros da minha família raramente dependem uns dos outros.					
Nós ressentimo-nos quando os membros da família fazem coisas fora da família.					
É importante seguir as regras na nossa família.					
A minha família tem dificuldade em saber quem faz as diferentes tarefas domésticas.					
A nossa família tem um bom equilíbrio entre separação e proximidade, entre uns e outros.					
Quando surgem problemas, nós estabelecemos compromissos.					
Os membros da família funcionam, principalmente, de forma independente.					
Os membros da família sentem-se culpados se quiserem passar o seu tempo longe da família.					
Quando uma decisão é tomada, é muito difícil modificá-la.					
A nossa família sente-se sobre pressão e desorganizada.					
Os membros da minha família estão satisfeitos com a forma como comunicam uns com os outros.					
Os membros da minha família são muito bons ouvintes.					
Os membros da minha família expressam afetos uns pelos outros.					
Os membros da minha família são capazes de pedir uns aos outros o que querem.					
Os membros da minha família podem calmamente discutir os problemas uns com os outros.					
Os membros da minha família discutem as suas ideias e crenças uns com os outros.					

	1. Discordo Fortemente	2. Discordo	3. Não Concordo nem Discordo	4. Concordo	5. Concordo Fortemente
Os membros da minha família tentam compreender os sentimentos uns dos outros.					
Quando zangados, os membros da minha família raramente referem aspetos negativos acerca uns dos outros.					
Os membros da minha família expressam os seus verdadeiros sentimentos uns aos outros.					

Quão satisfeito está com:	1. Muito Descontente	2. Um tanto Descontente	3. Geralmente Satisfeito	4. Muito Satisfeito	5. Extremamente Satisfeito
O grau de proximidade entre os membros da família.					
A capacidade da minha família para lidar com o <i>stress</i> .					
A capacidade da minha família para se adaptar.					
A capacidade da minha família para partilhar experiências positivas.					
A qualidade da comunicação entre os membros da minha família.					
A capacidade da minha família para resolver conflitos.					
A quantidade de tempo que passam juntos como família.					
A forma como os problemas são discutidos.					

A justiça das críticas feitas na nossa família.					
A preocupação dos membros da minha família uns com os outros.					

Acabaste de responder a um conjunto de afirmações sobre a tua família, gostaria de saber quem foram os principais familiares em que pensaste.

De seguida, este questionário **avalia com que frequência atua de determinado modo com o(a) seu/sua filho(a).**

Por favor, leia cada frase do questionário e responda **com que frequência** atua desse modo com o(a) seu/sua filho(a), assinalando com um **X** a opção que considera mais adequada.

	1. Nunca	2. Poucas vezes	3. Algumas vezes	4. Bastantes vezes	5. Sempre
Dou resposta aos sentimentos e necessidades do(a) meu/minha filho(a).					
Castigo fisicamente o(a) meu/minha filho(a) como forma de o(a) disciplinar.					
Tomo em conta o que o(a) meu/minha filho(a) quer ou deseja antes de lhe pedir para fazer algo.					
Quando o(a) meu/minha filho(a) pergunta por que razão tem que obedecer, respondo: “ Porque eu digo” ou “Porque sou teu/tua pai/mãe e quero que o faças”.					
Explico ao(a) meu/minha filho(a) como me sinto quando se porta bem e quando se porta mal.					
Dou uma palmada ao(a) meu/minha filho(a) quando ele(a) e desobediente.					
Incentivo o(a) meu/minha filho(a) a falar dos seus problemas.					
Acho difícil disciplinar o(a) meu/minha filho(a).					
Incentivo o(a) meu/minha filho(a) a expressar-se livremente, mesmo quando não está de acordo comigo.					
Castigo o(a) meu/minha filho(a) retirando-lhe privilégios com poucas ou nenhuma explicações.					
Saliento as razões das regras que estabeleço.					
Quando o(a) meu/minha filho(a) está chateado(a), dou-lhe apoio e consolo.					

	1. Nunca	2. Poucas vezes	3. Algumas vezes	4. Bastantes vezes	5. Sempre
Elogio o(a) meu/minha filho(a) quando se comporta ou faz algo bem.					
Cedo ao(a) meu/minha filho(a) quando faz uma birra por qualquer coisa.					
Enfureço-me com o(a) meu/minha filho(a).					
São mais as vezes em que ameaço castigar o(a) meu/minha filho(a) do que aquelas em que realmente o(a) castigo.					
Tomo em conta as preferências do(a) meu/minha filho(a) quando faço planos familiares.					
Agarro o(a) meu/minha filho(a) quando ele(a) é desobediente.					
Dito castigos ao(a) meu/minha filho(a) mas realmente não os aplico.					
Demonstro respeito pelas opiniões do(a) meu/minha filho(a) incentivando que as expresse.					
Permito que o(a) meu/minha filho(a) dê a sua opinião relativamente às regras familiares.					
Ralho e critico para fazer o(a) meu/minha filho(a) melhorar.					
Estrago o(a) meu /minha filho(a) com mimos.					
Explico ao(a) meu/minha filho(a) por que razões as regras devem ser obedecidas.					
Uso ameaças como forma de castigo com poucas ou nenhuma justificações.					
Tenho momentos especiais e calorosos com o(a) meu/minha filho(a).					
Castigo o(a) meu/minha filho(a) colocando-o(a) algures sozinho(a) com poucas ou nenhuma explicações.					
Ajudo o(a) meu/minha filho(a) a perceber o resultado do seu comportamento incentivando-					

o(a) a falar acerca das consequências das suas ações.					
Ralho e critico quando o comportamento do(a) meu/minha filho(a) não corresponde as minhas expectativas.					
Explico ao(a) meu/minha filho(a) as consequências do seu comportamento.					
Dou uma palmada no(a) meu/minha filho(a) quando se porta mal.					

Por último, peço apenas que responda às questões abaixo, que dizem respeito a dados sociodemográficos e permitem-nos conhecer melhor a sua família.

Idade: ____

Sexo:

Feminino

Masculino

Estado Civil: _____

Nacionalidade: _____

Estatuto Económico:

Classe Alta

Classe Média

Classe Baixa

Habilitações Literárias:

9º ano de escolaridade

12º ano de escolaridade

Curso Técnico-Profissional

Licenciatura

Mestrado

Profissão: _____

Por quantos membros é constituído o seu agregado familiar? ____

Testemunha ou já testemunhou algum tipo de violência (i.e. bater, empurrar, insultar, humilhar, chantagear, etc) em sua casa?

Sim Não

Se **SIM** indique entre quem foi essa violência, e que tipo de violência é/foi.

Se **testemunha atualmente violência em sua casa**, desde quando?

Se **já testemunhou violência em sua casa**, durante quanto tempo?

Com que frequência é que é testemunha ou testemunhava violência em sua casa?

1 vez por mês ou menos _____

1 ou 2 vezes por semana _____

Todos os dias _____

Nunca

Se testemunha ou testemunhou MAIS DO QUE UM TIPO DE VIOLÊNCIA, indique a frequência com que testemunha todos os tipos, ilustrando ao lado a qual te referes.

Alguma vez foi vítima ou é vítima de algum tipo de violência na sua casa?

Sim Não

Se **SIM** indique de quem foi vítima, e que tipo de violência sofre/sofreu.

Se é vítima de violência em casa, desde quando?

Se já foi vítima de violência em casa, durante quanto tempo?

Com que frequência é que é/foi vítima de violência em sua casa?

1 vez por mês ou menos

1 ou 2 vezes por semana

Todos os dias

Nunca

Tem/já teve algum tipo de doença ou problema psicológico?

Sim Não

Se **SIM**, já pediu ajuda a um profissional de saúde?

A Quem? _____

Obrigado pela sua participação!

Se achar que precisa de falar com alguém sobre algum dos comportamentos apresentados anteriormente ou sobre outro assunto que te preocupe, podes usar os seguintes números:

**SOS Voz Amiga (todos os dias das
16h às 24h)**

21 354 45 45

91 280 26 69

96 352 46 60

**Telefone da Amizade (todos
os dias das 16h às 23h)**

22 832 35 35

808 22 33 53